MINISTÉRIO DA CULTURA, GOVERNO DO ESTADO DE SÃO PAULO E SECRETARIA DA CULTURA APRESENTAM

EDIÇÃO Nº2, 2016

RETRATOS OSESP

ABR

MARIN ALSOP REGE O *CONCERTO Nº 12 PARA PIANO*, DE MOZART, COM O SOLISTA PAUL LEWIS

CORO DA OSESP APRESENTA OBRAS DE RHEINBERGER, STRAUSS, LIDHOLM E POULENC, COM REGÊNCIA DE RAGNAR BOHLIN

CELSO ANTUNES REGE O *CONCERTO PARA CORDAS*, DE GINASTERA, COM A ORQUESTRA DE CÂMARA DA OSESP

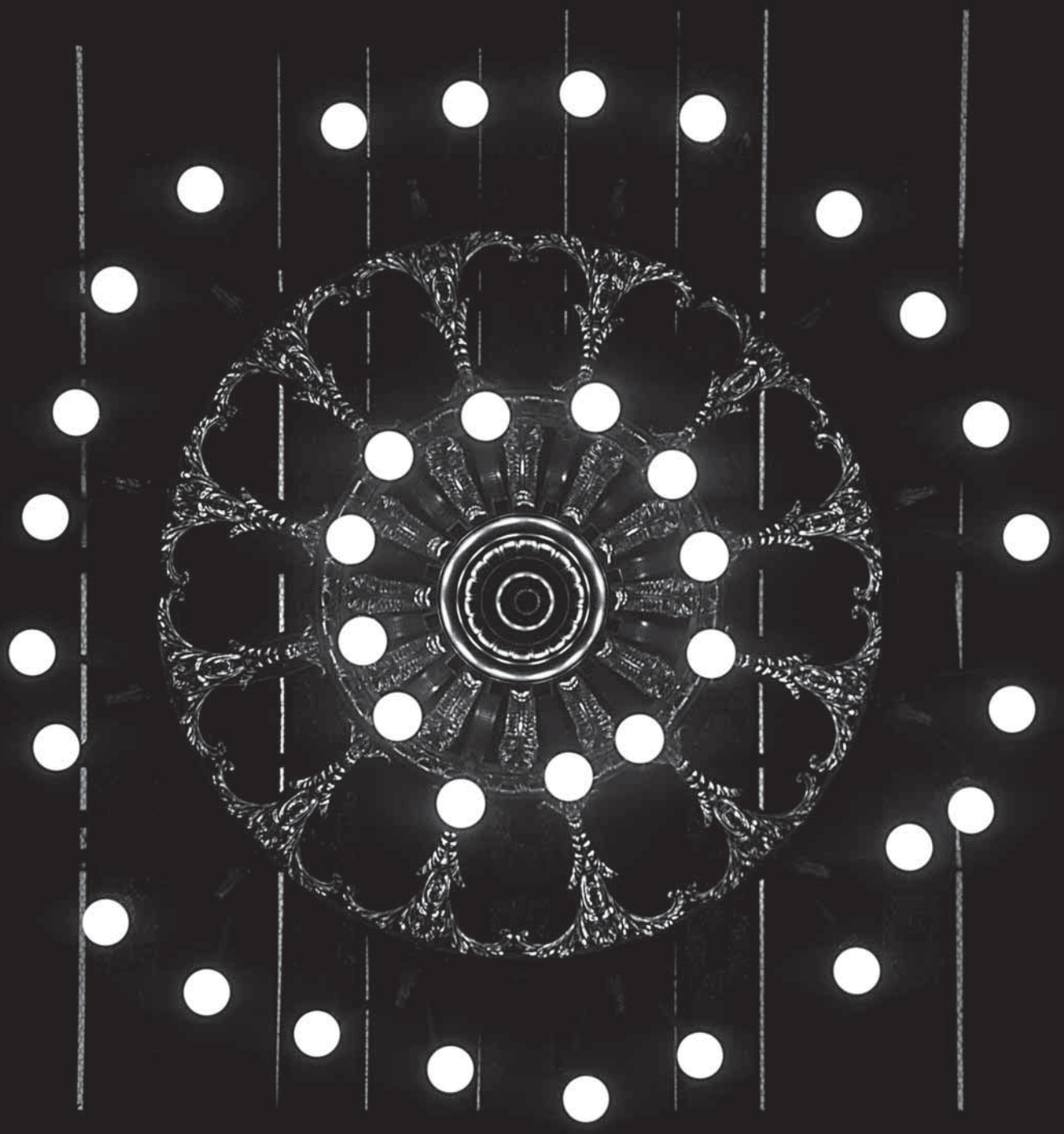
KISMARA PESSATTI INTERPRETA A ESTREIA MUNDIAL DE *CECÍLIA*, DE MAURY BUCHALA, ENCOMENDA DA OSESP, COM REGÊNCIA DE CELSO ANTUNES

QUARTETO OSESP APRESENTA OBRAS DE SCHUBERT, BEETHOVEN E BARTÓK

RECITAIS OSESP:
O PIANISTA PAUL LEWIS APRESENTA PEÇAS DE BRAHMS, SCHUBERT E LISZT

GABRIELA MONTERO INTERPRETA *CONCERTO PARA PIANO EM LÁ MENOR*, DE GRIEG, SOB REGÊNCIA DE MARIN ALSOP

MÚSICA NA CABEÇA:
ENCONTRO COM MARIN ALSOP E GABRIELA MONTERO



AS SINFONIAS DE PROKOFIEV

POR MARCO AURÉLIO SCARPINELLA BUENO

04

ABR
3 10

CORO DA OSESP
RAGNAR BOHLIN **REGENTE**

JOSEF RHEINBERGER
RICHARD STRAUSS
INGVAR LIDHOLM
FRANCIS POULENC

ABR
10 14

ORQUESTRA DE CÂMARA DA OSESP
CELSO ANTUNES **REGENTE**

ALBERTO GINASTERA
LUDWIG VAN BEETHOVEN

ABR
18 14, 15, 16

OSESP
CELSO ANTUNES **REGENTE**
KISMARA PESSATTI **MEZZO SOPRANO**

HEITOR VILLA-LOBOS
MAURY BUCHALA
ROBERT SCHUMANN

ABR
17 22

QUARTETO OSESP

FRANZ SCHUBERT
LUDWIG VAN BEETHOVEN
BÉLA BARTÓK

19
26 ABR

PAUL LEWIS **PIANO**

FRANZ SCHUBERT
JOHANNES BRAHMS
FRANZ LISZT

ABR
30 21, 22, 23

OSESP
MARIN ALSOP **REGENTE**
PAUL LEWIS **PIANO**

WOLFGANG AMADEUS MOZART
SERGEI PROKOFIEV

28, 29, 30
ABR 34

OSESP
MARIN ALSOP **REGENTE**
GABRIELA MONTERO **PIANO**

MARLOS NOBRE
EDVARD GRIEG
HEITOR VILLA-LOBOS
SERGEI RACHMANINOV

Desde 2012, a *Revista Osesp* tem ISSN, um selo de reconhecimento intelectual e acadêmico. Isso significa que os textos aqui publicados são dignos de referência na área e podem ser indexados nos sistemas nacionais e internacionais de pesquisa.

LEI DE INCENTIVO À CULTURA

SALA SÃO PAULO

ORQUESTRA SINFÔNICA DO ESTADO DE SÃO PAULO
OSESP

REALIZAÇÃO

ORGANIZAÇÃO SOCIAL DE CULTURA
FUNDAÇÃO OSESP

GOVERNO DO ESTADO
SÃO PAULO
Secretaria da Cultura

Ministério da Cultura
GOVERNO FEDERAL
BRASIL
PÁTRIA EDUCADORA

PATROCÍNIO

Itaú Personnalité
BM&FBovespa A Nova Bolsa
Banco do Brasil Seguros
MAPFRE Seguros
Deloitte.
BancoVotorantim
MATTOS FILHO > Mattos Filho, Veiga Filho, Marrey Jr e Quiroga Advogados

APOIO

Scotiabank
Credit Suisse
correcta alimentos
Bain & Company
BCG The Boston Consulting Group
FANEM
NEXTMIDIA BRASIL
TIVOLI COLLECTION São Paulo-Mofarrej Brasil
exceda
ASCAEL Qualidade, Confiança e Tradição que fazem a diferença
Localiza Aluguel de Carros
PHILIPS

VEÍCULOS

broadcast+
FOLHA Não dá pra não ler.
CBN
CartaCapital
Brasileiros
TOP
CULT
revista piauí
UOL

PARA PATROCINAR E APOIAR A OSESP

marketing@osesp.art.br

MINISTÉRIO DA CULTURA, GOVERNO DO ESTADO DE SÃO PAULO E SECRETARIA DA CULTURA APRESENTAM

MATINAIS

VENHA ASSISTIR À **OSESP**
E ORQUESTRAS PARCEIRAS
NA SALA SÃO PAULO.
ENTRADA GRATUITA

AOS DOMINGOS, **11H**

osesp.art.br

A Série de Concertos Matinais recebe o público das instituições convidadas:

APOIO

REALIZAÇÃO

AS SINFONIAS DE PROKOFIEV

POR MARCO AURÉLIO SCARPINELLA BUENO

O começo da década de 1910 não foi muito fácil para as sinfonias. A revolução de timbres proposta por Debussy em *Jeux*, a de ritmos proposta por Stravinsky em *A Sagração da Primavera* e a da própria tonalidade musical proposta por Schoenberg em *Pierrot Lunaire* colocaram em xeque um dos gêneros fundamentais da música clássica na Europa Ocidental. O próprio Debussy afirmou que "desde Beethoven, havia provas suficientes que atestavam a inutilidade da sinfonia",[1] comentário que pode ser um tanto perturbador para quem aprendeu a se banhar na tradição musical austro-germânica sedimentada desde a época de Haydn.

Não deixa de ser interessante, portanto, que, após a morte de Mahler, em 1911, os grandes sinfonistas tenham surgido em países distantes da Áustria e da Alemanha. Nesse eclético grupo, é possível citar Sibelius, Nielsen, Vaughan Williams, Milhaud, Prokofiev, Shostakovich e, por que não, Villa-Lobos, responsáveis por ciclos sinfônicos bastante interessantes, mesmo que fundamentados no tradicional sistema diatônico.

Particularmente na Rússia do início do século XX, a tonalidade permaneceu como a base de todo o fazer musical e, se a Revolução Bolchevique de outubro de 1917 foi capaz de criar uma nova realidade social no país, nem por isso a música russa estava preparada para ser usada como ferramenta revolucionária. Foi nesse ambiente musical, ainda dominado pelo gosto acadêmico de Beliáiev,[2] que Prokofiev escreveu sua *Sinfonia nº 1*.

Nascido na cidade ucraniana de Sontsovka, atual Krasne, em 23 de abril de 1891, Sergei Prokofiev foi o típico prodígio musical, a ponto de ter sido aceito no Conservatório de São Petersburgo com 13 anos, caso único na história da música russa até então. Antes disso, já esboçara uma *Sinfonia em Sol Maior* (1902),[3] mas foram obras como os *Concertos Para Piano nº 1* (1911-2) e *nº 2* (1913-2), a *Tocatta* (1911-2) e a *Sonata Para Piano nº 2* (1912) que fizeram dele um dos mais reconhecidos compositores-pianistas de sua geração. Em 1909, Glazunov escreveu em sua prova final: "Tecnicamente brilhante. Artista único e original. Pena que o gosto musical…".[4] Prokofiev foi o primeiro músico na Rússia a tocar Schoenberg, para desespero de Glazunov, que temia "pelo caminho destrutivo escolhido".

A *Sinfonia nº 1* foi completada em 10 de setembro de 1917, na iminência da Revolução Bolchevique. E, se na Europa Ocidental Strauss, Busoni e Schoenberg se reinventavam na ausência das "velhas certezas harmônicas" aprendidas desde Haydn, Prokofiev prestava uma bem-humorada homenagem ao classicismo vienense. O próprio compositor anotou em sua biografia: "A técnica de Haydn tornou-se particularmente clara para mim. Creio que se ele tivesse vivido no século XX teria mantido seu próprio estilo de compor, enquanto absorveria alguns aspectos dessa nova música. Quis escrever uma sinfonia que soasse dessa forma.

1. Griffiths, Paul. *A Música Moderna*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1988. Tradução de Clóvis Marques.

2. Mitrofán Petróvitch Beliáiev (1836-1904) foi um mecenas e editor de música russa que fez fortuna com o comércio de madeira. Estabeleceu-se em Leipzig em 1885, onde editou mais de 2 mil obras russas, fundamentalmente composições de Balakirev, Rimsky-Korsakov, Taneiev, Borodin e Glazunov.

3. Em 1908, completaria uma *Sinfonia em Mi Menor*, outro trabalho de aprendizado que também não chegou a ser publicado.

4. Prokofiev, Sergei. *Sergei Prokofiev: Autobiography, Articles, Reminiscences*. Honolulu: University Press of the Pacific, 2000.

AEROPORTO (2012), FOTO DA SÉRIE *COLETIVOS*, DE CÁSSIO VASCONCELLOS

Finalmente lhe dei o nome de *Sinfonia Clássica*, primeiro porque ela é tão simples e depois porque queria incomodar os tradicionalistas de mentalidade estreita".[5]

A estreia da obra se deu em Petrogrado (depois Leningrado, hoje São Petersburgo), no dia 21 de abril de 1918, regida pelo próprio compositor. Construída em quatro movimentos, abre com um "Allegro" em forma-sonata, com um tema bem vivo e jocoso. Segue-se um mozartiano "Larghetto", num "doce Lá Maior", entendido pelos estudiosos como uma homenagem a Glazunov, por fazer alusão ao balé *Raymonda*. A "Gavota" alterna momentos de intenso lirismo com passagens mais ásperas, e foi reutilizada em *Romeu e Julieta*. O frenético "Finale" contém outra homenagem criptografada, dessa vez à ópera *Branca de Neve*, de Rimsky-Korsakov.

Pela primeira vez uma obra de Prokofiev era calorosamente recebida tanto pela crítica quanto pela audiência, inclusive por Lunatcharsky, o alto comissário do Narkompros (Comissariado Popular para a Educação), órgão responsável pela educação e por boa parte dos eventos culturais. Politicamente alienado, Prokofiev já demonstrara intenções de sair da Rússia. Num país que ainda sofria das mazelas da Primeira Guerra, a guerra civil entre Brancos e Vermelhos só prenunciava mais fome e miséria. Com os Bolcheviques no governo, parte dos músicos e dos compositores passaria a integrar a classe dominante na nova sociedade soviética, desde que aceitassem as imposições oficiais em relação à publicação e à criação de novas obras.

Sabendo dos interesses de Prokofiev em deslanchar sua carreira no Ocidente e vendo no jovem compositor uma oportunidade de divulgar a nova arte soviética, Lunatcharsky perguntou a ele se não havia ar fresco suficiente para respirar em sua terra natal. Ficou famoso o final da conversa:

"Você é um revolucionário na música. Nós na vida. Devemos trabalhar juntos!".[6]

5. *Ibidem.*
6. *Ibidem.*

Sentindo o pouco entusiasmo do compositor, Lunatcharsky não se fez de rogado: "Se é na América que você quer estar, não criarei mais oposição". Na mesma ocasião, o compositor recebeu uma mensagem anônima: "Eles jamais o perdoarão quando voltar! Você jamais será compreendido!".

Mas, diferentemente de outros compositores que também haviam emigrado, como Rachmaninov e Stravinsky, Prokofiev manteve contatos com Moscou durante os dezoito anos em que viveu longe da União Soviética, jamais dando uma declaração política que desaprovasse o regime. Viveu nos Estados Unidos entre agosto de 1918 e dezembro de 1921, onde foi mais discutido que elogiado. Como pianista, era considerado excessivamente percussivo; como compositor, excessivamente dissonante. Sentindo-se incompreendido, voltou para a Europa, flanando por diversas cidades até fixar-se em Paris, no outono de 1923. O clima frenético da capital francesa mostrou-se ideal para que empregasse uma linguagem composicional avançada para os padrões da época.

A *Sinfonia nº 2* (1924-5) era tratada pelo compositor como "música tão dura quanto ferro e aço, repleta da atmosfera parisiense, onde as dissonâncias não são temidas".[7] A estreia, em 6 de junho de 1925, foi desastrosa. O primeiro movimento é agressivo e enérgico, como se o compositor quisesse confrontar o caos e a ordem; o segundo apresenta um tema e seis brilhantes variações, das quais a quinta foi assemelhada ao início do *Petrouchka*, de Stravinsky, por um crítico da época, deixando o competitivo Prokofiev arrasado. Talvez seja a partitura mais mecanicista produzida por ele, como se quisesse demonstrar o quão dependente o ser humano é da máquina.

A verdade é que, em Paris, Prokofiev sempre viveu à sombra de Stravinsky. Suas novas obras eram recebidas com relativa indiferença e até os vanguardistas começaram a insinuar que "ele maquiava o conservadorismo com uma ou outra pincelada moderna".[8] Exceção foi a recepção à *Sinfonia nº 3* (1928), uma forma de resgatar parte do material escrito originalmente para a ópera *O Anjo de Fogo* (1919-3), com libreto simbolista recheado de metafísica, baseado na vida do próprio autor, Valiéri Briusov, e seu atormentado *ménage à trois* com os poetas Nina Petrovskaia e Andrei Bely.

A partitura é poderosa, incorporando trechos orquestrais completos da ópera. No movimento inicial, já se identificam passagens que correspondem à alma atormentada de Renata (a persona de Nina). Logo a seguir, o tema principal da ópera, a visão ambivalente do anjo de fogo representando o místico e o carnal, é apresentado nos violinos e depois nas trompas. O "Andante" é um movimento meditativo que incorpora o início do quinto ato, quando Renata se refugia num convento. Já o terceiro movimento funciona como uma serenata polifônica, enquanto o final apresenta citações da *Marcha Fúnebre* de Chopin para retrabalhar o material temático do primeiro movimento.

Para o musicólogo Richard Taruskin, o fracasso em encenar *O Anjo de Fogo* representou um dos motivos para que Prokofiev ponderasse sobre seu retorno à União Soviética. Desde 1927, o compositor voltara a empreender turnês regulares ao país natal, sob supervisão direta (e sigilosa) da NKVD, a polícia secreta, que o tratava como o "herói soviético que conquistara o Oeste".[9] Para Stalin, o retorno do "filho pródigo", um líder da música contemporânea, poderia ajudar a trazer legitimidade ao governo, pelo menos no campo da cultura.

7. *Ibidem.*

8. *Ibidem.*

9. Taruskin, Richard. *Defining Russia Musically*. Princeton: Princeton University Press, 2001.

E foi justamente o balé *O Filho Pródigo* (1928-9) que serviu como base para o material temático da *Sinfonia nº 4* (1929-30). Mais uma vez, a obra foi mal recebida pela crítica, que acusou Prokofiev de falta de criatividade.[10] Em sua defesa, o compositor argumentou: "Percebi que tinha a possibilidade de desenvolver o material de uma forma que o balé não me permitiu. Lembro o precedente usado por Beethoven nas *Criaturas de Prometeu* e na sua *Sinfonia nº 3*". [11]

Prokofiev decidiu retornar em definitivo para a URSS em 1936, esperançoso de se tornar um artista bajulado pelo regime. Fazia poucos meses, Stalin discursara aos seus camaradas que "a vida melhorara e havia ficado mais bela!".[12] Só não esqueçamos que tudo deveria seguir a estética do Realismo Socialista, doutrina na qual a arte soviética alinhava-se ao culto à personalidade de Stalin.

De acordo com o Realismo Socialista, os artistas soviéticos deveriam retratar a vida do povo de forma heroica, criando o substrato para que se pudesse atingir a utopia comunista. Qualquer movimento artístico contemporâneo era taxado de burguês, degenerado e antipopular. Logo, gêneros literários como a novela e formas musicais como a sinfonia e a ópera se transformaram em modelos para expressar tais sentimentos. Isso explica, em parte, por que a sinfonia continuou tão presente no catálogo de compositores como Prokofiev, Miaskovsky e Shostakovich.

Mas a aplicação do Realismo Socialista à música não era tão fácil. Shostakovich chegou a protestar no artigo "A Crítica à Música Soviética Está Atrasada": "Quando um crítico escreve que em determinada passagem de uma sinfonia o compositor quis representar os camaradas civis pelo oboé e pela clarineta, e o Exército Vermelho pelos metais, tenho vontade de berrar!".[13]

Mas Prokofiev era suficientemente talentoso e conhecedor de seu *métier* para não se deixar nivelar por baixo. Alguns de seus detratores insinuam que seu retorno à URSS coincide com um academicismo musical, mas é importante lembrar que seu entendimento de música contemporânea era bastante pessoal. Independentemente do fato de a censura soviética condenar técnicas de vanguarda, música contemporânea para Prokofiev significava "poder ajudar o povo a viver melhor e mais profundamente". [14]

Difícil é saber quanto tempo levou para que Prokofiev continuasse a acreditar na farsa do "filho pródigo". Pois, mesmo trabalhando exaustivamente de acordo com o modelo do Realismo Socialista, o ritual de humilhações e frustrações com que teve que se confrontar foi infinitamente superior à glória que imaginava conseguir. Sem perder o bom humor, confidenciava aos amigos mais íntimos: "Formalismo é o nome dado à música que não se entende já na primeira vez". [15]

Com a entrada da União Soviética na Segunda Guerra e a necessidade de levantar a moral da nação, as diretrizes do Realismo Socialista foram postas temporariamente de lado. Para legitimar o caos das batalhas, artistas soviéticos foram conclamados a explorar essa sensação. A *Sinfonia nº 5* (1944) se tornou um dos melhores exemplos de música inspirada diretamente pela chamada Grande Guerra Patriótica. Mais do que celebrar a batalha em si, a música de Prokofiev reflete sobre a condição humana do povo russo naquele momento. Ao épico "Andante" inicial, segue-se um "Allegro Marcato" nervoso. O "Adagio" é melodioso e antecipa elementos que retornarão no "Allegro" final. Há reminiscências de Borodín, Rimsky-Korsakov e

10. Prokofiev preparou outra versão da *Sinfonia nº 4* em 1947, quando já havia voltado definitivamente para a União Soviética. Dessa vez, foram as autoridades comunistas que a consideraram "decadente", proibindo sua execução após fevereiro de 1948. A partitura só foi reabilitada após a morte de Stalin.

11. Prokofiev, Sergei. *Op. cit.*

12. Morrison, Simon. *The People's Artist: Prokofiev's Soviet Years.* Oxford: Oxford University Press, 2010.

13. Citado em Taruskin, Richard. *Op. cit.*

14. Citado em Morisson, Simon. *Op. cit.*

15. *Ibidem.*

Glinka. O próprio Prokofiev regeu a estreia da *Sinfonia* em janeiro de 1945, enquanto os canhões do Exército Vermelho soavam à distância comemorando o avanço das tropas sobre os alemães no rio Vístula, na Polônia. A recepção à obra foi triunfante, e esperava-se que, com o final da Guerra, o terror stalinista também acabasse. Mas não foi o que aconteceu.

Poucos meses após a estreia da *Sinfonia nº 5*, o compositor começou a esboçar a *nº 6*, completando-a em fevereiro de 1947. A partitura é bastante equilibrada, tanto na forma quanto na intensidade de sentimentos, predominando um caráter meditativo em detrimento ao heroísmo da predecessora. O crítico Yulian Vaynkop escreveu que o tema do movimento inicial funciona como "o arranhar de uma chave numa fechadura há muito trancada".[16] O ambiente sonoro é sombrio e o material melódico é apresentado sem um pleno desenvolvimento temático até retornar ao lento inicial. Ao segundo movimento, "Largo", bastante lírico, segue-se um "Vivace" que lembra música de balé.

Prokofiev explicou que a *Sinfonia* era uma "resposta bastante diferente à guerra".[17] Se a *nº 5* dizia respeito à vitória na Grande Guerra Patriótica, "uma sinfonia sobre o espírito do Homem", a *nº 6* tratava de assuntos bem mais complexos. "Mesmo nos regozijando com a vitória, cada um de nós tem feridas que jamais cicatrizarão. Alguns perderam um ente querido, outros a própria saúde. Tais coisas jamais devem ser esquecidas."[18]

O compositor já era um homem alquebrado nessa época, entre os problemas de saúde e os achaques das tropas de choque stalinista, que o elegeram como um dos principais bodes expiatórios do regime. E como lidar com a esquizofrenia do governo soviético? Estreada em outubro de 1947, a obra foi rotulada como "a demonstração da superioridade da música soviética sobre a música do Ocidente, onde há tempos o sinfonismo acabara num estado de profunda decadência e degeneração".[19] Foi o último (e breve) triunfo de Prokofiev. Em 10 de fevereiro de 1948, o compositor seria taxado de formalista após a resolução oficial do Partido Comunista e sua música banida das salas de concerto da União Soviética, por ser "inacessível ao povo e de tendências antidemocráticas". Imediatamente, a *Sexta Sinfonia* caiu em desgraça por ser considerada "artificialmente complexa".

A última composição importante de Prokofiev foi sua *Sinfonia nº 7*, boa parte dela escrita numa cama de hospital entre dezembro de 1951 e julho de 1952. Sua estreia, em 11 de outubro, marcou a última apresentação pública do compositor. Muito bem recebida na União Soviética, a *Sinfonia* foi ouvida com descrédito pelos críticos ocidentais, que torceram o nariz para a aparente simplicidade da partitura, pecado mortal quando a moda musical era ser "pós-Webern".

Tal simplicidade se baseia no projeto original de se criar uma *Sinfonia Para as Crianças*, endereçada à Divisão Infantil da Rádio e TV Estatal; uma vez que a encomenda não vingou, a "inocência" musical deu os braços a um tom de amargura, facilmente explicado pela situação em que Prokofiev se encontrava: doente, empobrecido e frustrado. A ideia musical inicial, um tanto nostálgica, é apresentada ora pelas cordas graves, ora pelo oboé, e pertence ao mundo do faz-de-conta dos balés de Tchaikovsky e mesmo de Rimsky-Korsakov em *O Galo de Ouro*.

Reminiscências de obras do próprio Prokofiev (*Visões Fugitivas*, a música incidental para um *Eugene Onegin* que nunca foi encenado, *Romeu e Julieta*) são identificadas ao longo dos quatro movimentos. A *Sinfonia nº 7* teima em flertar com sensações ambíguas entre o lirismo e a amargura até o final, pontuado pelo *glockenspiel*, cuja sonoridade já foi interpretada como "a inconstância da memória".[20]

---

16. Shneyerson, Grigori. *"Meetings with Prokofiev"*. In: MORRISON, Simon. *The People`s Artist: Prokofiev`s Soviet Years*. Oxford: Oxford University Press, 2009, pp. 278.

17. Nestyev, Israel V. *Sergei Prokofiev: His Musical Life*. Nova York: Alfred A. Knopf, 1946.

18. Nestyev, Israel V. "Shestaya Simfoniya Prokofieva". *Sovetskoye Iskusstvo,* 18 outubro de 1947.

19. *Ibidem.*

20. Brown, Malcolm Hamrick. *The Symphonies of Sergei Prokofiev.* Florida State University, 1967. *Apud* Morrison, Simon. *Op. cit*.

Mstislav Rostropovitch, amigo e confidente de Prokofiev em seus derradeiros anos, conta que a carência do compositor era tão grande que, após a estreia da *Sinfonia*, quando o regente Samuil Samosud o aconselhou a mudar o final da obra "por algo menos lúgubre", se ele pretendia concorrer ao Prêmio Stalin daquele ano, Prokofiev acabou cedendo e adicionou um final inegavelmente otimista — deixando a orientação de que, após sua morte, a obra fosse interpretada com o final original. A obra lhe valeu (postumamente) o Prêmio Lenin de 1957, comenda que substituiu o Prêmio Stalin após a morte do tirano.

Quis o destino que Prokofiev morresse no mesmo dia que Stalin, 5 de março de 1953. Em seu funeral, não houve flores nem músicos, todos reservados ao Grande Líder. Seu obituário ocupou uma pequena nota na página 116 do *Pravda*; as primeiras 115 foram reservadas a Stalin.

Um ano após sua morte, num simpósio sobre o compositor, o escritor Ilya Ehrenburg declarou: "A posteridade não será capaz de compreender quão gloriosa e difícil foi a época em que vivemos sem ouvir atentamente a música de Prokofiev e contemplar o seu extraordinário destino".[21] Não há dúvidas de que Prokofiev foi um emigrado dentro de seu próprio país.

MARCO AURÉLIO SCARPINELLA BUENO é médico e pesquisador musical, autor de *Shnittke: Música Para Todos os Tempos* (Algol, 2007) e *Círculos de Influência: A Música na União Soviética. Da Revolução Bolchevique às Gerações Pós-Shostakóvitch* (Algol, 2010). Idealizou e apresentou as séries *Música Soviética: Da Revolução Bolchevique ao Fim do Comunismo* e a *Música no Leste Europeu* pela Rádio Cultura FM de São Paulo.

SOB A REGÊNCIA DE **MARIN ALSOP**, A OSESP VEM GRAVANDO AS SETE SINFONIAS DE PROKOFIEV, PARA O SELO NAXOS, DESDE 2012. O PROJETO TERMINA ESTE ANO, COM A GRAVAÇÃO DA *SINFONIA Nº7*.

21. Ehrenburg, Ilya. "*He Felt The Heartbeat of Time*". In: Prokofiev, Sergei. *Op. cit.*

ABR

3 DOM 16H CORO DA OSESP

CORO DA OSESP
RAGNAR BOHLIN REGENTE

JOSEF RHEINBERGER [1839-1901]
Três Canções Sacras, Op.69 [1855]
- Morgenlied — "Die Sterne sind erblichen": Con Moto
  [Canção da Manhã — "As Estrelas Empalideceram"]
- Hymne — "Dein sind die Himmel": Adagio Non Troppo
  [Hino — "Os Céus São Teus"]
- Abendlied —"Bleib bei uns": Andante Molto
  [Canção da Noite — "Fique Conosco"]

11 MIN

RICHARD STRAUSS [1864-1949]
Der Abend, Op.34 nº 1 [A Noite] [1897]
12 MIN

INGVAR LIDHOLM [1921]
...a Riveder le Stelle [Para Ver as Estrelas] [1971-3]
14 MIN

FRANCIS POULENC [1899-1963]
Figure Humaine [Figura Humana] [1943]
- De Tous Les Printemps du Monde
  [De Todas as Primaveras do Mundo]
- En Chantant, Les Servantes s'Élancent
  [Cantando, as Servas se Elevam]
- Aussi Bas Que le Silence [Tão Baixo Quanto o Silêncio]
- Toi ma Patiente [Você, Minha Paciente]
- Riant du Ciel et Des Planètes
  [Rindo do Céu e Dos Planetas]
- Le Jour m'Étonne et la Nuit me Fait Peur
  [O Dia me Espanta e a Noite me dá Medo]
- La Menace Sous le Ciel Rouge
  [A Ameaça Sob o Céu Vermelho]
- Liberté [Liberdade]

19 MIN

Em agosto do ano passado, você regeu o Coro da Osesp num belíssimo programa que reunia peças de compositores do século XIX e do século XXI, como Rheinberger e Lidholm. São nomes que estão também neste concerto. Fale um pouco sobre sua escolha de repertório.

Rheinberger foi um importante compositor romântico, que produziu muito e para várias formações, notadamente música coral, além de ter sido também um grande organista. É um compositor que vem sendo recuperado, saindo um pouco da sombra dos grandes compositores do século XIX. Para mim, algumas de suas grandes peças para coro *a cappella* são comparáveis às de Brahms, seu contemporâneo.

PIEL ISLAND #2,
FOTO DE EDOUARD FRAIPONT, 2007

Uma característica interessante é que, frequentemente, sua música é fácil de cantar — é o caso de suas *Três Canções Sacras*. Também por isso, funcionará como uma espécie de "aperitivo", que abre os ouvidos do público. Assim, quando for a vez da peça de Lidholm, que é mais cheia de conflitos e de dissonâncias, o contraste será interessante.

Mas antes disso, passaremos por *Der Abend* [A Noite], de Richard Strauss. Trata-se de um poema de Friedrich Schiller, que faz uma alegoria do pôr do sol no mar, sugerindo um encontro amoroso entre Tétis, deusa do mar, e Febo (ou Apolo), deus do Sol. É a música mais linda que se pode imaginar: Strauss em seus melhores momentos, como no final da ópera *O Cavaleiro da Rosa*.

Fale um pouco de Lidholm e de sua ... a Riveder le Stelle.

O texto é da *Divina Comédia*, de Dante, no momento em que Virgílio já passou pelo purgatório e por todos os círculos do inferno e agora está finalmente subindo. Trata-se do momento em que ele verá as estrelas novamente, depois de muito tempo — um momento de grande emoção.

A peça começa de maneira dramática, sem palavras, dissonâncias chocantes e cantadas com bastante intensidade. Mas Lidholm é muito esperto: seu modernismo é sempre convidativo. Quem prestar atenção, verá que há muita beleza nesses *clusters*.

Há passagens bitonais e politonais, e, quando a música fica densa demais, Lidholm propõe algo mais aberto, com tríades maiores de muita pureza.

E quanto a Figure Humaine*? Pode falar um pouco sobre as circunstâncias políticas em que a peça foi composta e como isso pode nos inspirar hoje?*

É uma peça monumental, baseada em texto de Paul Éluard, com quem Poulenc colaborou repetidas vezes. A composição é de 1943, ou seja, em plena Segunda Guerra Mundial e durante a ocupação alemã na França. Éluard se envolveu na Resistência e, sob ares simbolistas, o poema é claramente engajado, falando de sangue nas ruas e de uma grande fera que ameaça engolir tudo.

Os primeiros seis movimentos são muito sombrios até que, em determinada passagem do sétimo movimento, quando a tal fera parece ser incontrolável, algo muda. É como se a luz voltasse a aparecer, uma passagem belíssima que conduz ao movimento final, "Liberté" [Liberdade].

O texto vai dizendo: "Nos meus cadernos de escola/Nesta carteira nas árvores/Nas areias e na neve/Escrevo teu nome", mas sem dizer que nome é esse. Até que finalmente se chega à palavra "Liberdade", um momento muito impactante.

Na França ocupada, um texto como esse era explosivo. Os manuscritos foram clandestinamente transmitidos a Poulenc, que escreveu a música de bate-pronto. A partitura, por sua vez, também viajou de maneira clandestina à Inglaterra, onde estreou ainda em 1944 com o Coro da BBC. Sabemos que os aparelhos de rádio no continente captavam as transmissões das estações britânicas e, assim, *Figure Humaine* pôde ser ouvida na França ocupada.

A Suécia tem uma importante tradição de canto coral. Pode nos contar um pouco a respeito?

Acho que, historicamente, a Igreja Luterana exerceu um papel importante nessa tradição. Mas, desde o fim da Segunda Guerra, a Suécia investiu muito para construir o modelo de estado de bem-estar social que conhecemos, banindo a pobreza. Como parte desse programa, criaram-se escolas municipais de música para que toda criança pudesse estudar um instrumento e praticar canto coral.

Nesse mesmo momento, Eric Ericson se tornou o diretor do Coro da Rádio Sueca que, sob sua direção, tornou-se um grupo de excelência que passou a encomendar peças de compositores contemporâneos na Suécia e no exterior.

O Coro da Rádio se tornou o topo da pirâmide e Ericson passou a inspirar tanto os corais de igreja quanto corais escolares, que começaram a ser mais e mais exigentes, enfrentando repertórios desafiadores e buscando sempre se superar.

Em junho, você estará de volta ao Brasil para reger uma peça inédita no país: Mass Transmission*, de Mason Bates [que será um dos Compositores Visitantes na Temporada 2016 da Osesp].*

Bates é um dos principais compositores jovens dos Estados Unidos. Foi compositor residente das sinfônicas de São Francisco e de Chicago, recebeu encomendas de orquestras de todo o país. Frequentemente, compõe para orquestra e instrumentos eletrônicos. Ele próprio é DJ e sua música é muito rítmica, com influência do minimalismo e de compositores como John Adams; mas tem sua própria identidade, às vezes próximo do jazz no que diz respeito à harmonia.

Mass Transmission foi uma encomenda da Sinfônica de São Francisco e foi escrita para órgão, coral e instrumentos eletrônicos. O texto é tirado dos diários de uma mãe, nos anos 1920, na Holanda, que se correspondia com a filha, enviada como pajem na ilha de Java, na Indonésia, então uma colônia holandesa. A peça é sobre a saudade que uma sente da outra, sobre a maneira como estavam conectadas.

Entrevista a RICARDO TEPERMAN.

CORO DA OSESP

Criado em 1994, como Coro Sinfônico do Estado de São Paulo, o Coro da Osesp (como é chamado desde 2001) reúne um grupo de cantores de sólida formação musical e é uma referência em música vocal no Brasil. Nas apresentações junto à Osesp, em grandes obras do repertório coral-sinfônico, ou em concertos *a cappella* na Sala São Paulo e pelo interior do estado, o grupo aborda diferentes períodos musicais, com ênfase nos séculos XX e XXI e nas criações de compositores brasileiros, como Almeida Prado, Aylton Escobar, Gilberto Mendes, Francisco Mignone, Liduino Pitombeira, João Guilherme Ripper e Villa-Lobos. Entre 1994 e 2015, o Coro da Osesp teve Naomi Munakata como coordenadora e regente. Em 2014, Naomi foi nomeada Regente Honorária do grupo. Em 2009, o Coro da Osesp lançou seu primeiro disco, *Canções do Brasil*, que inclui obras de Osvaldo Lacerda, Francisco Mignone, Camargo Guarnieri, Marlos Nobre e Villa-Lobos, entre outros compositores brasileiros. Em 2013, lançou gravação de obras de Aylton Escobar (Selo Osesp Digital) e, em 2015, gravou obras de Bernstein junto à Orquestra Sinfônica de Baltimore regida por Marin Alsop, para CD do selo Naxos.

RAGNAR BOHLIN REGENTE

ÚLTIMA VEZ COM OSESP EM 2015

Nascido na Suécia, Ragnar Bohlin estudou regência com Jorma Panula e Eric Ericson, piano com Peter Feuchtwanger, em Londres, graças a uma bolsa do British Council, e canto com Nicolai Gedda. Formou-se na Academia Real de Música de Estocolmo, onde obteve o título de mestre em órgão e regência e, mais tarde, tornou-se professor. Desde 2007, é regente titular do Coro da Sinfônica de São Francisco, com o qual recebeu três prêmios Grammy. Em 2014, regeu a primeira apresentação do seu próprio coro de câmara, o Cappella SF. Trabalha regularmente com o Coro da Rádio Sueca, como em sua turnê de 2010 pelos Estados Unidos. Em junho do mesmo ano, fez sua estreia no Carnegie Hall, regendo *Um Réquiem Alemão*, de Brahms. Bohlin foi professor visitante na Universidade de Indiana e, em 2013, foi premiado pela Câmara Sueco-Americana do Comércio.

GRAVAÇÕES RECOMENDADAS

STRAUSS
CHORAL WORKS
Chor des Bayerischen Rundfunks
Peter Dijkstra, regente
BR KLASSIK, 2012

LIDHOLM
ORCHESTRAL WORKS, 1958-63
Norrköping Symphony Orchestra
Lü Jia, regente
BIS, 2003

POULENC
FIGURE HUMAINE; CHORAL WORKS
Tenebrae Choir
Nigel Short, regente
SIGNUM CLASSICS, 2010

SUGESTÕES DE LEITURA

Harald Wanger
JOSEF GABRIEL RHEINBERGER: EINE BIOGRAPHIE
VAN ECK, 2007

Michael Kennedy
RICHARD STRAUSS: MAN, MUSICIAN, ENIGMA
CAMBRIDGE UNIVERSITY PRESS, 2006

Richard D. E. Burton
FRANCIS POULENC
ABSOLUTE, 2003

INTERNET

RHEINBERGER.LI
RICHARDSTRAUSS.AT
POULENC.FR

10 DOM 16H ORQUESTRA DE CÂMARA DA OSESP

ORQUESTRA DE CÂMARA DA OSESP
CELSO ANTUNES REGENTE

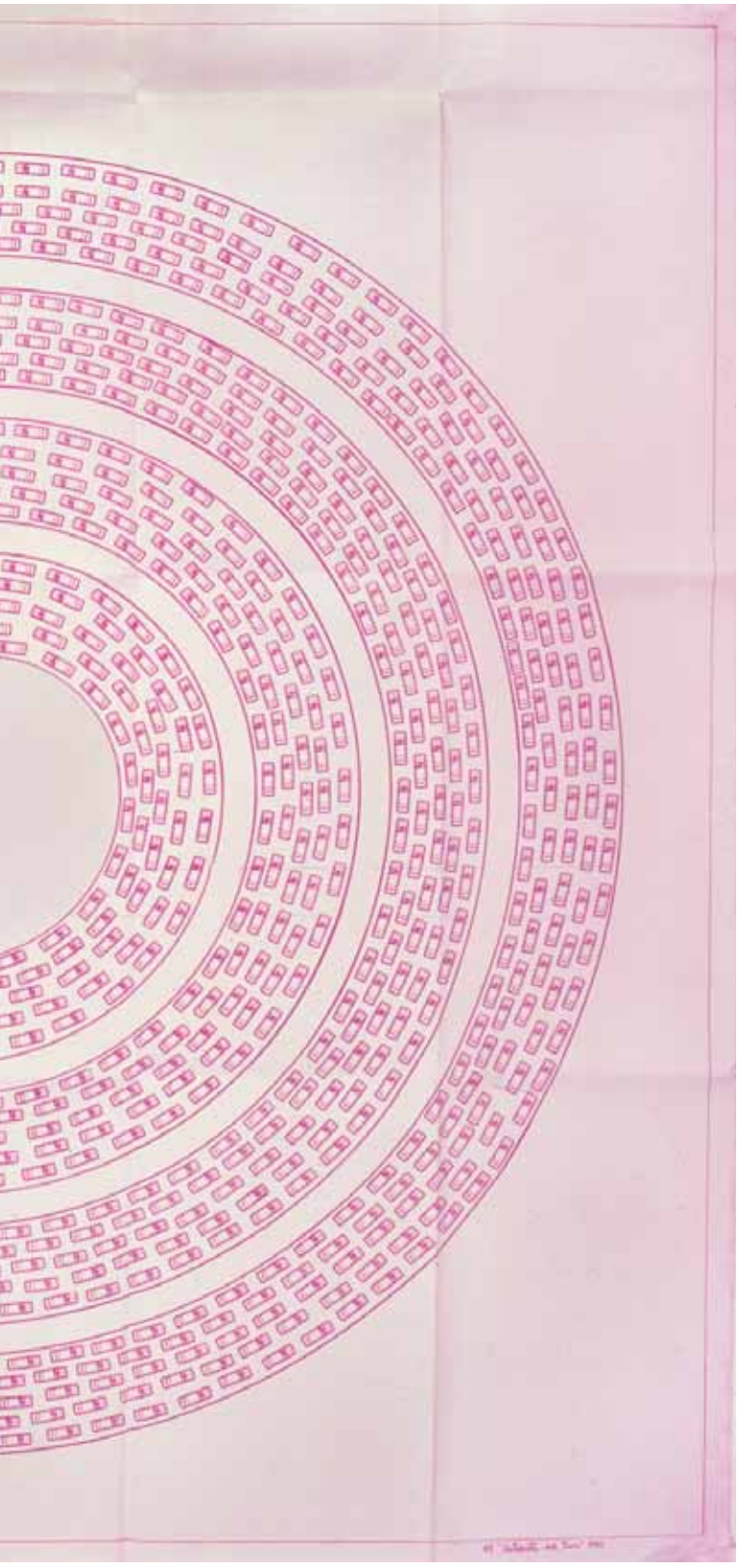
ALBERTO GINASTERA [1916-83]
Concerto Para Cordas, Op.33 [1965-7] GINASTERA 100
- Variazion: Per i Solisti
  [Variações Para os Solistas]
- Scherzo Fantastico
  [Scherzo Fantástico]
- Adagio Angoscioso
  [Adágio Angustiado]
- Finale Furioso
  [Final Furioso]

23 MIN

LUDWIG VAN BEETHOVEN [1770-1827]
Quarteto de Cordas nº 16 em Fá Maior, Op.135
[Versão Para Orquestra de Cordas] [1826]
- Allegretto
- Vivace
- Lento Assai Cantante e Tranquillo
- Grave, ma Non Troppo Tratto

33 MIN

A AUTOESTRADA DO SUL (1980), DA SÉRIE "HELIOGRAFIAS" DE LÉON FERRARI (1920-2013)



Dissonância e harmonia, quando utilizadas fora do contexto musical, representam ideias antagônicas. A primeira é associada ao caos, ao incômodo. Já a segunda aparece de mãos dadas à utopia, ao idílico e ao pacífico. Em música, na verdae, a dissonância é abraçada pela harmonia e ajuda a sustentar o jogo de tensões e resoluções que conduzem o discurso musical. Durante o século XX, seu tratamento ajudou não somente na evolução das estruturas musicais, mas também na experimentação de novas sonoridades.

Ginastera escreveu o *Concerto Para Cordas* em 1965 e o revisou em 1967. A obra é uma orquestração reorganizada de quatro dos cinco movimentos que compõem seu *Quarteto de Cordas nº 2*, escrito em 1958. Orquestrada, a peça ganha dramaticidade e tem sua força expressiva potencializada.

O primeiro movimento é rapsódico, alternando passagens solistas com a massa orquestral. No decorrer da peça, o uso de dinâmicas extremas, técnicas expandidas e alternâncias de vigorosas passagens rítmicas com adágios líricos e reflexivos ajudam a imprimir uma gama vasta de emoções. As próprias indicações de movimentos — "Scherzo Fantástico", "Adágio Angustiado" (ou, no original, "Angoscioso"), "Final Furioso" — reforçam essa paleta expressiva e também o desejo de representar paisagens e traços culturais locais, característicos deste último período criativo do autor.

Embora escrito há cinquenta anos, o *Concerto Para Cordas* desafia o ouvinte contemporâneo pelo uso recorrente da dissonância. Metaforicamente, o recurso propõe um embate com a realidade. Nossa aceitação ou rejeição determina o que procuramos quando imersos no *estado de escuta*: ora fugir para um mundo ideal, ora conhecer a representação de uma verdade. Sob essa perspectiva, exercitar a escuta da dissonância pode ser uma experiência transformadora: nos coloca cara a cara com o conflito, nos força a conhecer e a lidar com o heterogêneo.

LUCRECIA COLOMINAS é mestranda em Administração Artística no Chicago College of Performing Arts da Roosevelt University.

Beethoven não esperava que o *Quarteto de Cordas nº16 em Fá Maior*, Op.135, fosse sua última obra, mas tinha em mente que aquele seria de fato seu último quarteto de cordas, ou ao menos o último por um bom tempo, tão longo quanto pudesse imaginar. Mesmo que não antecipasse o quão próximo estava do fim, o compositor não acreditava que lhe restasse muito tempo. Ele escrevera quatro quartetos em dois anos e meio, seus únicos esforços sérios nessa época. Os três primeiros, conhecidos como *Galitzins*, traçaram uma desintegração contínua e deliberada das normas convencionais de estrutura e lógica. O *Quarteto de Cordas nº14* foi uma reintegração, mas num novo plano, não como uma volta ao passado.

O *Quarteto em Fá Maior* é um olhar de relance, retrospectivo e essencialmente cômico, como a *Oitava Sinfonia*, mas num plano distinto tanto do passado do próprio Beethoven como do passado clássico. O tom dessa sua última obra, escrita numa época de trauma, quando o corpo do compositor se encaminhava para o colapso, é cheio de riso e ironia — à maneira de Haydn e Mozart —; e, em meio a isso, encontra-se uma canção comovente. No entanto, é difícil definir esse som risonho; não exatamente despreocupado, mais como a performance de um palhaço velho e cansado, um derradeiro sorriso ao tirar o chapéu, uma irônica saída de cena. [...]

Beethoven estava muito doente e talvez já farto de quartetos. Confessou ao editor Moritz Schlesinger que vinha encontrando muita dificuldade em ter ideias para o final: "Aqui, meu caro amigo, está meu último quarteto. Será o último; e realmente me deu muito trabalho. Porque eu não conseguia me forçar a compor o último movimento. [...] E esse é o motivo pelo qual escrevi o lema: 'A decisão tomada com dificuldade — Tem de ser assim? — Tem de ser, tem de ser!'"[1] Esta é uma explicação para a misteriosa inscrição no final do quarteto, ainda que não a única. De fato, como bom compositor do período romântico, Beethoven usou uma passagem de sua vida, recontando-a com a apropriada alegria, mesclada a uma falsa solenidade — adequada tanto à história quanto ao tom do *Quarteto*.

A história era a seguinte: Ignaz Dembscher, rico amante de música, vinha oferecendo festas em sua casa para apresentar quartetos. Alguns instrumentistas queriam tocar o *Quarteto em Si Bemol Maior*, mas, quando Dembscher pediu as partituras para Beethoven, descobriu-se que o anfitrião não havia comprado ingresso para a estreia da peça pelo Quarteto Schuppanzigh. Beethoven mandou avisá-lo que não forneceria a partitura até que o preço do ingresso fosse pago, salgados 50 florins. Ao ouvir isso, Dembscher riu: "Tem de ser assim?". Ao saber da resposta, Beethoven gargalhou e rebateu [rabiscando na hora um cânone sobre as frases]: "Tem de ser! Pegue sua carteira!"

JAN SWAFFORD. Trechos do livro *Beethoven: Angústia e Triunfo* (Amarilys, no prelo). Tradução de Laura Folgueira [revista para esta edição].

1. ANDERSON, Emily (Ed. e Trad.). *The Letters of Beethoven, V.3.* Nova York: W.W. Norton, 1986, p. 1538.

CELSO ANTUNES REGENTE

REGENTE ASSOCIADO

Nascido em 1959, em São Paulo, Celso Antunes assumiu o posto de regente associado da Osesp em 2012. Formado como regente na Musikhochschule de Colônia, atua com a mesma desenvoltura como regente de orquestra e de coral. Antunes é professor de regência coral da prestigiosa Haute École de Musique de Genebra, foi regente titular da Nova Orquestra de Câmara da Renânia (1994-8), do Coro da Rádio da Holanda (2008-12) e do conjunto belga de música contemporânea Champ d'Action (1994-7), além de diretor artístico e regente titular do National Chamber Choir, da Irlanda, entre 2002 e 2007, anos considerados pelo *Irish Times* como "uma idade de ouro para o canto profissional na Irlanda". Trabalha regularmente com alguns dos principais corais da Europa, entre os quais o SWR Vokalensemble Stuttgart, o BBC Singers, em Londres, e o Vlaams Radio Koor, em Bruxelas. Entre os maestros com quem já trabalhou, estão Sir Simon Rattle, Zubin Mehta, Mariss Jansons, Charles Dutoit, Peter Eötvös, Sylvain Cambreling e Marin Alsop. Em 2013, a Osesp lançou gravação de obras sinfônicas de Almeida Prado regidas por Celso Antunes (Selo Osesp Digital).

GRAVAÇÕES RECOMENDADAS

GINASTERA

THE ARGENTINIAN ALBUM

Amsterdam Sinfonietta

Candida Thompson,

violino e regência

CHANNEL CLASSICS, 2014

BEETHOVEN

STRING QUARTETS, OPP. 131 & 135

Wiener Philharmoniker

Leonard Bernstein, regente

DEUTSCHE GRAMMOPHON, 2009

SUGESTÕES DE LEITURA

Eduardo Storni

GINASTERA

ESPASA-CALPE, 1983

Lewis Lockwood

BEETHOVEN: THE MUSIC AND THE LIFE

W. W. NORTON, 2003

Scott Burnham

BEETHOVEN HERO

PRINCETON UNIVERSITY PRESS, 2000

INTERNET

LVBEETHOVEN.COM

BEETHOVEN-HAUS-BONN.DE

14 QUI 21H JACARANDÁ
15 SEX 21H PEQUIÁ
16 SÁB 16H30 IPÊ

OSESP
CELSO ANTUNES REGENTE
KISMARA PESSATTI MEZZO SOPRANO

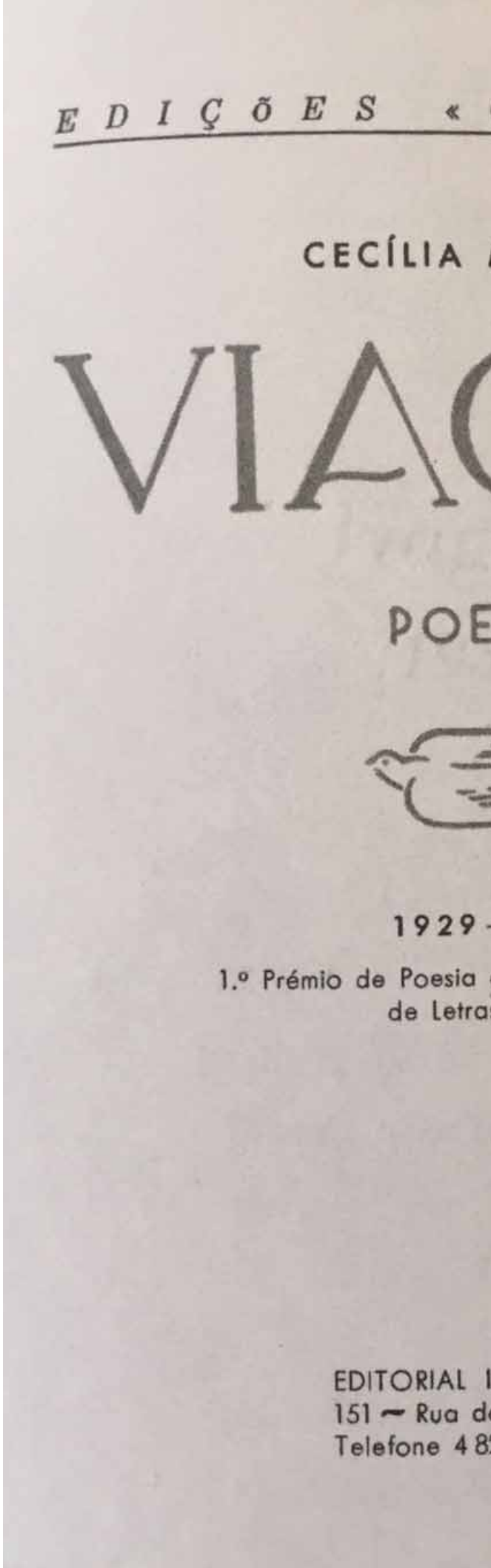
HEITOR VILLA-LOBOS [1887-1959]
Valsa da Dor [1932] [Orquestração de Richard Rijnvos] [Estreia Mundial]
5 MIN

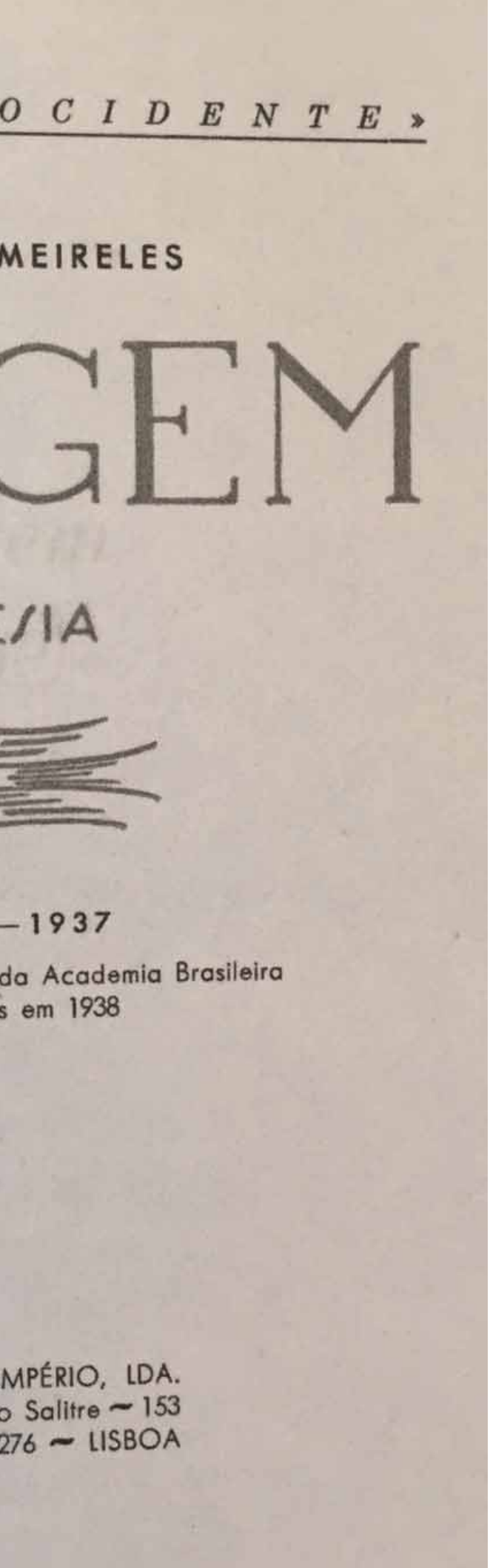
Alma Brasileira [1925] [Orquestração de Richard Rijnvos] [Estreia Mundial]
4 MIN

MAURY BUCHALA [1967]
Cecília [2016]
[Encomenda da Osesp. Estreia Mundial]
15 MIN

ROBERT SCHUMANN [1810-56]
Sinfonia nº 4 em Ré Menor, Op.120 [1841-51]
- Ziemlich langsam — Lebhaft [Muito Lento — Vivo] (Attacca)
- Romanze: ziemlich langsam [Romance: Muito Lento] (Attacca)
- Scherzo: lebhaft [Scherzo: Vivo] (Attacca)
- Lebhaft [Vivo]

28 MIN





Em 2010, a rádio holandesa me encomendou a orquestração de *Rudepoêma*, lendária peça para piano de Heitor Villa-Lobos. Sonhava com isso desde que conheci a obra, no final da década de 1980. Em dezembro de 2014, pude estar em São Paulo quando a Osesp realizou três apresentações da versão final e revisada do meu arranjo orquestral. É desnecessário enfatizar a importância de ver minha orquestração tocada no país natal do compositor — e por aquela que é, sem dúvida, a melhor orquestra sinfônica da América Latina.

Ao voltar para casa, inspirado pelo desempenho maravilhoso da Osesp, decidi trabalhar em outras orquestrações de Villa-Lobos. As primeiras da lista foram *Valsa da Dor* e *Alma Brasileira*, duas peças curtas, mas icônicas, e que, salvo engano, nunca haviam sido orquestradas.

A estrutura de *Valsa da Dor* é simples, porém muito eficiente. Uma linda cantilena é ouvida três vezes: primeiro em *allegro*, depois *moderato*, por fim lento. Por causa da mudança no andamento, o caráter da melodia se altera: de orgulhoso para cantante e, a seguir, melancólico. Desconhecendo esse conceito subjacente, muitos concertistas tocam a primeira vez da melodia de modo excessivamente lento, o que é uma pena. Na partitura original para piano, o andamento inicial dos três compassos de abertura é marcado claramente *allegro* e Villa-Lobos não faz nenhuma anotação acerca de mudanças no andamento quando chega a melodia. Na minha orquestração, tomei a liberdade de usar *l'istesso tempo* [o mesmo andamento].

Em *Alma Brasileira*, também conhecida como *Choros nº 5*, um papel importante é reservado ao corne inglês. Seu timbre sombrio e profundo realça o caráter melancólico do tema de abertura. Na repetição da melodia, o corne inglês é dobrado por outro e, na sequência, pelo primeiro oboé, simplesmente para amplificar o som em relação à orquestração, que ganha densidade. (O compositor finlandês Jean Sibelius recorreu a essa técnica em seu poema tonal *O Cisne de Tuonela.)* O trecho intermediário de *Alma Brasileira* é uma dança selvagem, cujo caráter é sustentado na minha orquestração pelo uso de instrumentos de percussão típicos da América Latina, como o guiro e o ganzá.

RICHARD RIJNVOS. Tradução de Jayme da Costa Pinto.

Cecília, encomenda feita pela Osesp, inspira-se na poesia de Cecília Meireles. Os textos, que são também de minha autoria, foram influenciados por, e aludem livremente a diversos poemas da fase inicial da obra da escritora.

O trabalho de elaborar uma música com texto é sempre delicado, para que a junção se realize. Neste trabalho, a música e o texto foram elaborados como um *Lied* (canção), mas também com uma construção operística e dramática. Os contextos foram concebidos de uma maneira que permitisse esta abordagem mais flexível.

O aspecto musical foi exposto em dois distintos elementos: o acompanhamento da voz, que permanece praticamente por toda peça, e os intermezzos puramente instrumentais, que contradizem ou ilustram o texto. Nos dois casos, houve de minha parte a tentativa de elaborar texturas instrumentais diferentes, com justaposições pouco ordinárias dos instrumentos da orquestra. A forma da obra se acorda com a forma do texto: uma forma livre e ao mesmo tempo comprometida com o conteúdo poético.

MAURY BUCHALA

Para muitos dos compositores nascidos nos primeiros anos do século XIX como Berlioz, Mendelssohn, Liszt, Chopin, Glinka, Verdi, Wagner e Schumann, afirmar sua própria poética pressupunha um posicionamento em relação ao grande divisor de águas que foi Beethoven. O problema não era tão crítico para artistas como Verdi, Glinka e Chopin, que não eram herdeiros da grande tradição alemã, na qual, desde Haydn e Mozart, a sinfonia ocupava o centro de gravidade da forma musical. Para os demais, era necessário, cedo ou tarde, escalar a cordilheira de sinfonias legadas por Beethoven que ia da *Eroica* (1803-4) à *Nona* (1822-4). Era necessário, em suma, pensar orquestralmente e ousar, depois de Beethoven, exprimir-se na forma sinfônica.

Nessa questão, o caso de Robert Schumann é o mais dramático. Suas primeiras incursões na sinfonia datam de 1832, quando compôs dois movimentos de uma *Sinfonia em Sol Menor,* WoO 29. De imediata derivação beethoveniana, eles são, segundo a opinião difundida, ainda música para piano em veste orquestral. Por quase dez anos, ao longo dos quais seu gênio criou algumas das mais belas obras-primas da literatura pianística, Schumann evitaria um novo confronto com o *corpus* sinfônico beethoveniano.

Então, em 1841, viria o *annus mirabilis* [ano miraculoso]. Um ano depois de seu casamento com Clara, que o encorajaria a se lançar como um compositor capaz de transcender o piano e o *Lied* [canção], Schumann escreveu nada menos que sua *Sinfonia nº 1 — Frühlingssinfonie* [Sinfonia da Primavera] Op.38, o esboço de uma *Sinfonia em Dó Menor* (inacabada), a *Abertura, Scherzo e Finale,* Op.52, a *Fantasia Para Piano e Orquestra* (convertida em seguida no primeiro movimento do *Concerto Para Piano em Lá Menor,* Op.54) e, enfim, a primeira versão da *Sinfonia nº 4*.

Sua estreia, na Gewandhaus de Leipzig em dezembro desse ano, não suscitaria, contudo, maior interesse, o que levou Schumann a retirá-la de circulação. Dez anos depois, transcreveu-a para piano e, em seguida, orquestrou-a de novo inteiramente, reforçando o material temático com duplicação dos arcos em oitava e dos sopros. Pensou inicialmente chamá-la *Fantasia Sinfônica*, pois, como então escreveu, "nada produz tão facilmente desapontamento e oposição quanto uma nova forma que traga um velho nome". Uma das diretrizes dessa nova versão é a ênfase em seu caráter cíclico, manifesto no *continuum* entre os movimentos — tocados sem pausa entre eles — e no fato de o último movimento retomar temas do primeiro.

Nessa forma intermediária entre a sinfonia e o poema sinfônico, Schumann a relançou em 30 de dezembro de 1852, à frente da Orquestra de Düsseldorf, numa de suas últimas apresentações como regente titular. Ela seria também seu último grande sucesso de público. Prestes a sucumbir ao colapso definitivo de sua saúde mental, há muito declinante, teve ainda tempo de proclamar ao mundo, em sua revista *Neue Zeitschrift für Musik*, um novo ápice da música alemã no gênio de Brahms (1833-97), que, em setembro de 1853, bateu à porta de sua casa.

[2012]

LUIZ MARQUES é professor do Departamento de História da Unicamp e coordenador do Mare – Museu de Arte Para a Pesquisa e a Educação (www.mare.art.br).

CELSO ANTUNES REGENTE

REGENTE ASSOCIADO

Ver página 17

KISMARA PESSATTI MEZZO SOPRANO

PRIMEIRA VEZ COM A OSESP

Nascida em Curitiba, a mezzo soprano Kismara Pessatti estudou com Norma Sharp e Julia Varady, na Academia de Música Hans Eisler, em Berlim. Já trabalhou com maestros como Helmuth Rilling, Lorin Maazel, Franz Welser-Möst, Christoph von Dohnányi, Thomas Adès, Vladimir Jurowski e Nikolaus Harnoncourt e se apresentou no Theatro Municipal, tanto de São Paulo quanto do Rio de Janeiro, e em muitas das principais salas do mundo, como Gran Teatre del Liceu (Barcelona), Ópera de Zurique, Philharmonie de Berlim, Concertgebouw (Amsterdã) e Royal Festival Hall (Londres).

GRAVAÇÕES RECOMENDADAS

SCHUMANN

SINFONIA Nº 2; SINFONIA Nº 4

Orquestra Sinfônica do Estado De São Paulo

John Neschling, regente

BISCOITO FINO, 2009

VILLA-LOBOS

BRASILEIRO: VILLA-LOBOS & FRIENDS

Nelson Freire, piano

DECCA, 2012

MAURY BUCHALA

PORTRAIT

SESC, 2016

SUGESTÕES DE LEITURA

Paulo de Tarso Salles

VILLA-LOBOS: PROCESSOS COMPOSICIONAIS

EDITORA UNICAMP, 2009

Fábio Zanon

VILLA-LOBOS (SÉRIE "FOLHA EXPLICA")

PUBLIFOLHA, 2009

Beate Perrey (org.)

THE CAMBRIDGE COMPANION TO SCHUMANN

CAMBRIDGE UNIVERSITY PRESS, 2007

Martin Geck

ROBERT SCHUMANN: MENSCH UND MUSIKER DER ROMANTIK

SIEDLER, 2010

INTERNET

MUSEUVILLALOBOS.ORG.BR

SCHUMANN-PORTAL.DE

BUDAPESTE, *C.* 1910

17 DOM 16H QUARTETO OSESP

QUARTETO OSESP

FRANZ SCHUBERT [1797-1828] SCHUBERT EM FOCO

Quarteto nº 12 em Dó Menor, D 703
– Quartettsatz [1820]

9 MIN

LUDWIG VAN BEETHOVEN [1770-1827]

Quarteto nº 2 em Sol Maior, Op.18 nº 2 [1798-1800]
- Allegro
- Adagio Cantabile
- Scherzo: Allegro
- Allegro Molto, Quasi Presto

24 MIN

BÉLA BARTÓK [1881-1945] COMPOSITOR TRANSVERSAL

Quarteto nº 1 em Lá Menor [1908-9]
- Lento
- Allegretto — Introduzione
- Allegro Vivace

30 MIN

Escrito em 1820, o *Quartettsatz* ("Movimento de Quarteto") foi originalmente concebido como primeiro movimento de um quarteto de cordas completo, do qual existem esboços de mais dois movimentos. Não sabemos as razões pelas quais sua composição foi abandonada, mas, para nossa sorte, este movimento se salvou, chegando até nós como peça isolada, porém completa e já profundamente ligada à linguagem do Schubert extremo dos últimos anos de vida.

O início propõe um clima de ansiedade, que se choca com a elegância e a serenidade de seus temas principais. É muito frequente que a "duplicidade" na música de Schubert seja evitada pelos intérpretes, que preferem esconder os contrastes atrás de um véu confortável de doçura e de *cantabile* tipicamente vienense. Pessoalmente, considero essa duplicidade uma das características mais fascinantes do gênio austríaco e um traço fundamental também em obras como *A Morte e a Donzela* ou o *Quinteto Para Cordas*. Desejo e realidade; serenidade e angústia; amor pela vida e contínua decepção com ela; culto da amizade e profunda solidão. Esses são só alguns dos contrastes interiores de Franz Schubert e de sua música; e, em menos de dez minutos, este "Movimento de Quarteto" consegue nos mostrar tudo isso.

Os seis quartetos Op.18 foram publicados em 1801, em duas séries de três cada, e constituem os primeiros que Beethoven escreveu. Dentre eles, o *Quarteto nº 2* é o que tem mais influências das linguagens do século XVIII. Já no início da obra, as figuras do primeiro violino remetem ao estilo "galante" do período.

O segundo movimento nos surpreende quando, após um início bastante tradicional, em que o primeiro violino se encarrega do papel principal na linha do "canto", aparece uma segunda ideia contrastante, quase um "*scherzo* antes do *scherzo*".

Depois de terminar o segundo movimento voltando ao clima inicial, Beethoven nos brinda com um leve "Scherzo" (desta vez real) e, mais uma vez, com uma clara influência de seu grande "pai espiritual" Franz Joseph Haydn.

O *Quarteto* termina com um "Allegro Molto, Quasi Presto", que começa alternando frases do violoncelo com respostas dos demais instrumentos. A vivacidade e o brilho do diálogo nos envolvem e nos surpreendem com uma criatividade que parece antecipar a produção do chamado "período intermediário" do compositor. No contexto de um *Quarteto* que olha para trás e que é quase uma homenagem a Haydn, como dissemos, o último movimento vai na direção oposta, já mostrando o lado "revolucionário" do gênio de Bonn.

EMMANUELE BALDINI é o *spalla* da Osesp.

Béla Bartók tinha 26 anos quando compôs seu primeiro quarteto de cordas. Era relativamente recente o impacto que a *Sonata em Si Menor,* de Liszt, e *Assim Falou Zaratustra*, de Richard Strauss, causaram no jovem compositor, que as escutara nos anos de 1901 e 1902, respectivamente, e o levaram à composição do poema sinfônico *Kossuth* (1903). Apesar de já ser obra representativa da fase "húngara", iniciada por volta de 1907, o *Quarteto de Cordas nº 1* ainda guarda certas reminiscências da juventude do compositor.

O primeiro movimento, "Lento", tem três partes, organizadas no padrão A-B-A, sendo a parte A densamente cromática e melancolicamente expressiva.

A seção central B é marcada pelo pedal [nota sustentada] em cordas duplas na região grave do violoncelo, dando suporte a melodias expressivas e de caráter recitativo, inicialmente na viola, depois no primeiro violino. Essas são características do estilo *appassionato* de Bartók, presente no "Andante" inicial de *Dois Retratos* (1907), composto como representação idealizada da violinista Stefi Geyer — com quem o compositor esteve envolvido emocionalmente —, e depois reaproveitado como primeiro movimento do *Concerto nº 1 Para Violino* (1937-8), dedicado a ela.

O segundo movimento tem maior variedade expressiva, preservando em parte o caráter apaixonado do "Lento", mas acrescentando pitadas de humor e até mesmo certa violência, expressa pelos *ostinatos* e pelas sonoridades mais ásperas de certos acordes que combinam os extremos grave e agudo. Pode-se dizer que o movimento se assemelha a um *scherzo*, revelando bem a extensão emocional da música de Bartók, em que o retorno das seções sempre sofre alguma modificação substancial de caráter e de material harmônico, como o eventual uso da escala de tons inteiros.

No terceiro e último movimento, Bartók reúne diversos gestos retóricos, explorando expressivamente o estilo recitativo da introdução, associado aqui com *ostinatos* a partir de notas repetidas, como é comum nas músicas de caráter popular ao violino ou à rabeca. Usa frases em uníssono (ou em oitavas) nos quatro instrumentos, denotando a ideia de força, energia e comunhão, presentes na vida rústica e na simplicidade do camponês. A música de Bartók desse período reflete sua busca por uma identidade que extrapola as complexas relações políticas do Leste Europeu, inserindo-se na cultura húngara e, muitas vezes, se estendendo por toda a região dos Bálcãs.

PAULO DE TARSO SALLES é compositor, professor de teoria musical no Departamento de Música da USP e autor dos livros *Aberturas e Impasses: o Pós-modernismo na Música e Seus Reflexos no Brasil, 1970-1980* (Ed. Unesp, 2005) e *Villa-Lobos: Processos Composicionais* (Ed. Unicamp, 2009).

GRAVAÇÕES RECOMENDADAS

SCHUBERT

QUARTETTSATZ

Quarteto Guarnieri

RCA, 2004

BEETHOVEN

THE EARLY STRING QUARTETS

Takács Quartet

DECCA, 2004

BARTÓK

STRING QUARTETS 1-6

Belcea Quartet

EMI, 2008

SUGESTÕES DE LEITURA

Elizabeth Norman McKay

FRANZ SCHUBERT: A BIOGRAPHY

OXFORD UNIVERSITY PRESS, 1996

Charles Rosen

THE CLASSICAL STYLE

W. W. NORTON, 1998

Halsey Stevens

THE LIFE AND MUSIC OF BÉLA BARTÓK

CLARENDON, 1993

INTERNET

SCHUBERT-ONLINE.AT

FRANZSCHUBERT.ORG.UK

LVBEETHOVEN.COM

BEETHOVEN-HAUS-BONN.DE

QUARTETO OSESP

Fundado em 2008, o Quarteto Osesp reúne o *spalla* da orquestra, Emmanuele Baldini, o violinista Davi Graton, o violista Peter Pas e o violoncelista Ilia Laporev. Tem como uma de suas características a reunião de músicos que se formaram em escolas diferentes — italiana, brasileira, norte-americana e russa. A soma dessas tradições contribui para enriquecer a identidade do grupo. Desde sua fundação, o Quarteto Osesp tem sua própria série na Sala São Paulo, na qual são apresentadas obras clássicas e propostas inovadoras e criativas. Seu repertório é extremamente vasto, incluindo obras que vão da época barroca até os jovens compositores contemporâneos. Entre os que já se apresentaram com o grupo, estão artistas como Ricardo Castro, Antonio Meneses, Arnaldo Cohen, David Aaron Carpenter, Nicholas Angelich, Nathalie Stutzmann, Jean-Efflam Bavouzet e Osmo Vänskä.

LEIA MAIS SOBRE BARTÓK NO NÚMERO ESPECIAL DA *REVISTA OSESP*, DISTRIBUÍDO GRATUITAMENTE NA SALA SÃO PAULO.

Itaú
PERSONNALITÉ

DPZ&T

OSESP

Quando a música toca, inspira. E, quando inspira, transforma. Música é um convite a viver novas experiências. Ouça, inspire-se, imagine, transforme.

Itaú Personnalité apresenta:
Série Osesp Personnalité 2016, Estado de Escuta.
Estacionamento gratuito e lounge com degustações especiais para clientes Personnalité.
itaupersonnalite.com.br/experiencia

LEI DE INCENTIVO À CULTURA
GOVERNO DO ESTADO SÃO PAULO
Secretaria da Cultura
Ministério da Cultura
GOVERNO FEDERAL BRASIL PÁTRIA EDUCADORA

SÉRIE OSESP
PERSONNALITÉ
2016

19 TER 21H RECITAIS OSESP

ARTISTA EM RESIDÊNCIA

PAUL LEWIS PIANO

SCHUBERT EM FOCO

FRANZ SCHUBERT [1797-1828]

Sonata nº 9 em Si Maior, D 575 [1817]
- Allegro ma Non Troppo
- Andante
- Scherzo: Allegretto
- Allegro Giusto

23 MIN

JOHANNES BRAHMS [1833-97]

Quatro Baladas, Op.10 [1854]
- Andante em Ré Menor
- Andante em Ré Maior
- Intermezzo em Si Menor
- Andante Con Moto em Si Maior

22 MIN

JOHANNES BRAHMS [1833-97]

Três Intermezzos, Op.117 [1892]
- Intermezzo em Mi Bemol Maior: Andante Moderato
- Intermezzo em Si Bemol Menor: Andante Non Troppo e Con Molta Espressione
- Intermezzo em Dó Sustenido Menor: Andante Com Moto

14 MIN

FRANZ LISZT [1811-86]

Après Une Lecture du Dante: Fantasia Quasi Sonata [1849]
[A Partir de Uma Leitura de Dante]

18 MIN

PAUL LEWIS
ENTREVISTA COM

O que você leva em consideração ao selecionar peças para compor um recital?

Conexões e contrastes são aspectos importantes a se considerar na montagem de um programa. É interessante experimentar um tipo de música que tem a capacidade de iluminar os outros trabalhos que formarão o programa. Por um lado, peças que nos são familiares podem soar muito mais radicais quando inseridas num determinado contexto; por outro, um repertório menos conhecido pode parecer mais familiar quando tocado em conjunto com peças de um repertório padrão, com o qual guarda algum nível de contato. Mas o mais importante para mim é que preciso gostar muito de todas as peças que toco.

Você tem uma ligação muito especial com a música de Schubert. Pode nos falar sobre isso e, mais especificamente, acerca da Sonata nº 9, D 575*?*

Schubert é um dos compositores que mais me atraem. Existe algo de muito humano em sua vulnerabilidade e há uma ideia em sua música de que não precisamos sempre encontrar respostas para tudo — algo com que a maioria das pessoas pode se identificar. A *Sonata nº 9,* é uma obra do início da carreira e que ainda não traz todo o peso emocional das sonatas posteriores, mas é incrivelmente inventiva na forma e no percurso harmônico. De certa maneira, é quase experimental.

Você ainda não gravou peças de Brahms. O que poderia dizer sobre as Quatro Baladas *e os* Três Intermezzos, *Op.117?*

São obras muito diferentes, uma do começo, outra do fim da carreira do compositor, mas que compartilham certos pontos. As *Baladas* são geralmente obscuras, brutais até. A primeira foi inspirada num poema escocês anônimo, narrando a história de um garoto que confessa à mãe que matou o pai. O primeiro dos *Intermezzos* também teve por inspiração um poema escocês, em que uma voz feminina lamenta ter sido abandonada, juntamente com seu filho, pelo amado. Ambas as peças têm um conteúdo sombrio, mas a violência da trama da *Balada* parece casar melhor com a natureza experimental da composição pianística do jovem Brahms, enquanto a suavidade do primeiro *Intermezzo* tem mais a ver como ao caráter mais sereno do Brahms maduro. São peças maravilhosas; e colocá-las no mesmo programa dá a oportunidade de ouvir de perto como o compositor desenvolveu sua escrita para piano e também como trabalhou com ideias semelhantes, primeiramente na juventude e, depois, na maturidade.

E o que pode dizer de Liszt e da Fantasia Quasi Sonata*?*

Para mim, é uma das maiores e mais descritivas obras de Liszt para piano. A tradução musical que ele faz da visão do inferno de Dante tem alcance orquestral — e é dessa maneira que deveria ser abordada por todo pianista que se propuser a tocá-la. A maior qualidade do piano reside na sua capacidade de imitar os sons de uma orquestra completa, de instrumentos individuais, da voz humana etc. Essa peça explora plenamente todas essas possibilidades, além de ser divertidíssima para quem a toca.

Você esteve com a Osesp em 2010 e em 2013; em 2016, será o Artista Residente. Pode nos dizer alguma coisa sobre a perspectiva de voltar a São Paulo duas vezes em 2016?

Adorei visitar São Paulo, gosto muito da cidade desde minha primeira viagem, em 2010. É uma cidade vibrante e artisticamente estimulante e tive a sorte de poder comparecer a concertos e mostras de arte nas viagens anteriores. E também comi muito bem! Espero ansiosamente pela oportunidade de conhecer a cidade ainda melhor.

Entrevista a RICARDO TEPERMAN. Tradução de Jayme Costa Pinto.

GRAVAÇÕES RECOMENDADAS

BRAHMS

BALLADES

Paul Lewis, piano

HARMONIA MUNDI, 2016

PIANO PIECES OP.116-119

Hélène Grimaud, piano

ERATO, 1996

SCHUBERT

PIANO SONATAS, D 575, D 625

Sviatoslav Richter, piano

REGIS, 2008

LISZT

DANTE SONATA

Angela Hewitt, piano

HYPERION, 2015

SUGESTÕES DE LEITURA

Michael Musgrave (org.)

THE CAMBRIDGE COMPANION TO BRAHMS

CAMBRIDGE UNIVERSITY PRESS, 1999

Christopher H. Gibbs (org.)

THE CAMBRIDGE COMPANION TO SCHUBERT

CAMBRIDGE UNIVERSITY PRESS, 1997

Kenneth Hamilton (org.)

THE CAMBRIDGE COMPANION TO LISZT

CAMBRIDGE UNIVERSITY PRESS, 2005

INTERNET

SCHUBERT-ONLINE.AT

FRANZSCHUBERT.ORG.UK

JOHANNESBRAHMS.ORG

AMERICANLISZTSOCIETY.NET

PAUL LEWIS PIANO

ÚLTIMA VEZ COM A OSESP EM 2013

O pianista inglês Paul Lewis estudou na Chetham's School of Music e na Guildhall School of Music & Drama antes de ter aulas particulares com Alfred Brendel. Apresenta-se regularmente em recitais (em salas como o Carnegie Hall e o Wigmore Hall) e com as filarmônicas de Los Angeles, Nova York, Oslo e Londres, as sinfônicas de Chicago, Boston, Viena, Londres, Bamberg e Seattle, as orquestras Gewandhaus de Leipzig, NDR Filarmônica da Rádio de Hannover, Real do Concertgebouw de Amsterdã e do Tonhalle (Zurique), entre outras — sem falar na própria Osesp. Lewis realizou premiadas gravações de todas as sonatas de Beethoven e de Schubert, além do ciclo de canções *Winterreise*, de Schubert, com o tenor Mark Padmore (Harmonia Mundi, 2009). Ao lado da mulher, a violoncelista norueguesa Bjorg Lewis, atua como diretor artístico do Midsummer Music, festival anual de música de câmara realizado em Buckinghamshire, no Reino Unido.

facebook.com/bolsapravoce @bmfbovespa linkedin.com.br/company/bm&fbovespa

BM&FBOVESPA
A Nova Bolsa

RUSSIA (CAVALOS), FOTO DE MAURO RESTIFFE (1996)

21 QUI 21H CARNAÚBA
22 SEX 21H PAINEIRA
23 SÁB 16H30 IMBUIA

ANIVERSÁRIO DE PROKOFIEV: 125 ANOS.

OSESP
MARIN ALSOP REGENTE
PAUL LEWIS PIANO

ARTISTA EM RESIDÊNCIA

WOLFGANG AMADEUS MOZART [1756-91]
A Flauta Mágica, KV 620: Abertura [1791]
7 MIN

Concerto nº 12 Para Piano em Lá Maior, KV 414 [1782]
- Allegro
- Andante
- Allegretto

25 MIN

SERGEI PROKOFIEV [1891-1953]
Sinfonia nº 7 em Dó Sustenido Menor, Op.131 [1951-2]
- Moderato
- Allegretto
- Andante Espressivo
- Vivace

31 MIN

Muita tinta foi gasta com a intenção de interpretar, apreciar e criticar *A Flauta Mágica*, a última ópera de Mozart, cuja estreia ocorreu no dia 30 de setembro de 1791 em Viena, no Theater auf der Wieden. O libreto ficou ao encargo de Emanuel Schikaneder — cuja companhia atuava no teatro desde 1789 —, colega de loja maçônica de Mozart. O compositor aproximou-se da trupe que cercava Schikaneder, e a ópera foi concebida quase como uma ação entre amigos. Não por acaso, o grupo teve presença marcante na primeira encenação: o tenor Benedikt Schack, amigo íntimo de Mozart, fez o príncipe Tamino, e o próprio Schikaneder atuou como Papageno, personagem carismático que quase sempre rouba a cena e a simpatia de todos que assistem à ópera.

No caso do libreto, as referências literárias e teatrais também eram ligadas ao grupo. A inspiração vinha de contos de fadas, como *Lulu oder die Zauberflöte* [Lulu ou a Flauta Mágica], escrito por Christoph Wieland e publicado numa coleção em 1789; os elementos mágicos foram retirados da peça *Megara*, de Philipp Hafner, de 1763; os rituais da maçonaria saíram diretamente de um romance de Jean Terrasson editado em 1731 e todo ambientado no Egito. Isso sem se esquecer das várias passagens cômicas, que traziam referências do teatro popular vienense. Muito se comentou também sobre os símbolos maçônicos distribuídos por todo o enredo, a começar pelo toque de três acordes nos primeiros compassos da "Abertura".

No entanto, para além desses elementos mais pontuais, é possível reconhecer como toda a ópera respira o contexto nervoso do seu momento de nascimento. Se Mozart enfrentava dificuldades financeiras e emocionais, quem sabe vale arriscar dizer que não só ele, mas boa parte da Europa andava perplexa. Essa é a época da eclosão da Revolução Francesa, que colocou em questão os grandes valores do Velho Mundo, dentre eles o poder absoluto e divino da realeza, a corte e a sociedade estamental, a nobreza e sua cordialidade.

Mas obras culturais não se comportam apenas como expressão e produto do seu momento político. Ao guardar ressonâncias, alusões, ambiguidades e contradições de época, elas também anunciam, fazem prognósticos e inventam um mundo novo. *A Flauta Mágica*, com sua carga elevada de simbolismo e grandes doses de humor, faz tudo isso e à sua maneira: com o estilo pretensamente descompromissado de Mozart.

Pode-se dizer que a peça apresenta um grande teatro de luz e sombra; um combate cujo instrumento é o amor. Só ele pode garantir a derrota da escuridão e a vitória das luzes: o estabelecimento derradeiro do iluminismo como filosofia política e utopia partilhada. Por meio do amor, tudo conflui para uma nova era, um novo mundo de luz diurna. […]

[2014]

LILIA MORITZ SCHWARCZ é professora titular no departamento de antropologia da USP, *global scholar* na Universidade de Princeton (Estados Unidos) e membro do conselho de administração da Fundação Osesp. Publicou *As Barbas do Imperador: D. Pedro II, um Monarca Nos Trópicos* (Companhia das Letras, 1998) e *O Sol do Brasil* (Companhia das Letras, 2008), entre outros livros.

Uma das relações trabalhistas mais tristemente famosas da história das artes foi a que uniu Mozart e Hieronymus Von Colloredo, príncipe-arcebispo de Salzburgo, conhecido por ser autoritário, arrogante e pouco generoso. Foi para se livrar do jugo desse patrão antipático que Mozart resolveu tentar a sorte em Viena, como músico independente. Os quatro anos que se seguiram, com altos e baixos financeiros, foram bastante produtivos, e a reputação de Mozart como compositor e solista cristalizou-se. As obras desse período são permeadas pela sensação de liberdade recém-conquistada.

Durante a estadia em Viena, Mozart comporia um número notável de concertos para piano. Dentre esses, o *Concerto nº 12*, escrito para a temporada musical do inverno de 1782, caracteriza-se pela construção límpida, pelo equilíbrio formal, pela invenção melódica inesgotável e, principalmente, pela escrita hábil, de resultados imediatos, que anuncia as grandes qualidades da música de maturidade do compositor.

A tonalidade é Lá Maior, que, para Mozart, simbolizava em geral lirismo e serenidade, com pou-

Promover a democratização da cultura como um valor maior, capaz de modificar a vida das pessoas.

Em nosso dia a dia, trabalhamos para proteger tudo o que é essencial para sua família. E a cultura é uma delas. Por isso, apoiamos o projeto Descubra a Orquestra, desenvolvido pela OSESP, que garante o acesso de milhares de brasileiros a ações educativas e musicais de qualidade.

BANCO DO BRASIL Seguros

MAPFRE SEGUROS

LEI DE INCENTIVO À CULTURA

REALIZAÇÃO

GOVERNO DO ESTADO SÃO PAULO Secretaria da Cultura

Ministério da Cultura

GOVERNO FEDERAL BRASIL PÁTRIA EDUCADORA

GRAVAÇÕES RECOMENDADAS

MOZART
DIE ZAUBERFLÖTE (2 CDS)
RIAS-Symphonie-Orchester Berlin
Ferenc Fricsay, regente
Rita Streich, soprano
Maria Stader, soprano
Ernst Haefliger, tenor
Dietrich Fischer-Dieskau, barítono
Josef Greindl, baixo
DEUTSCHE GRAMMOPHON, 2001

THE PIANO CONCERTOS
The English Baroque Soloists
(em instrumentos de época)
Sir John Eliot Gardiner, regente
Malcolm Bilson, piano
ARCHIV, 1999

COMPLETE PIANO CONCERTOS (12 CDS)
English Chamber Orchestra
Murray Perahia, piano e regência
SONY MUSIC, 2014

PROKOFIEV
THE COMPLETE SYMPHONIES
Scottish National Orchestra
Neeme Järvi, regente
CHANDOS, 2008

cos desvios para tons menores. Mesmo o solene "Andante" central, em Ré, em que é citado um tema de Johann Christian Bach, amigo e mentor de Mozart, falecido no início daquele ano, mantém-se sobriamente ancorado à melancolia, sem recorrer a grandes dilaceramentos emotivos. No "Allegretto" final, um rondó enganadoramente gracioso e ligeiro, recursos sofisticados de composição ficam ocultos como os fios que movimentam as marionetes. Em carta ao pai, o próprio Mozart descreveria esta obra como "um meio termo feliz entre pesada demais e leve demais. Brilhante, agradável ao ouvido e natural, sem ser insípida." [1]

A ambição modesta do concerto, no que tange à escrita orquestral (é quase uma peça de câmara, em que a orquestra pode ser facilmente substituída por um quarteto de cordas), é uma questão meramente comercial: Mozart pretendia vender a edição dos concertos por assinatura para diletantes abastados, numa espécie de "financiamento coletivo". O esquema não funcionou, mas felizmente para nós o *Concerto* acabou sendo publicado pela editora Artaria. Por conta disso, as *cadenzas* constam da partitura — normalmente eram improvisadas —, o que nos oferece uma verdadeira janela para o estilo de interpretação do compositor.

LAURA RÓNAI é flautista, professora na UniRio e autora de *Em Busca de um Mundo Perdido: Métodos de Flauta do Barroco ao Século XX* (Topbooks, 2008).

LEIA ENSAIO DE MARCO AURÉLIO SCARPINELLA BUENO SOBRE *AS SINFONIAS DE PROKOFIEV* NA PÁGINA 4

1. KEEFE, Simon P. (org.). *The Cambridge Companion to Mozart.* Cambridge: Cambridge University Press, 2003.

MARIN ALSOP

DIRETORA MUSICAL E REGENTE TITULAR

Regente titular da Osesp desde 2012, a nova-iorquina Marin Alsop foi a primeira mulher a ser premiada com o Koussevitzky Conducting Prize do Tanglewood Music Center, onde foi aluna de Leonard Bernstein. Formada pela Universidade de Yale, é diretora musical da Sinfônica de Baltimore desde 2007. Em 2008, lançou o OrchKids, programa destinado a prover educação musical aos jovens menos favorecidos da cidade. Apresenta-se regularmente com a Orquestra de Filadélfia, a Sinfônica de Londres e as filarmônicas de Nova York e Los Angeles, entre outras orquestras. Em 2003, recebeu o Conductor's Award, da Royal Philharmonic Society, e o título de Artista do Ano (revista *Gramophone*). Foi bolsista da Fundação MacArthur e regeu por duas vezes a "Last Night of The Proms" do festival londrino promovido pela BBC. Foi escolhida pela rede CNN como uma das sete mulheres de mais destaque no mundo, no ano de 2013. É membro honorário da Royal Philharmonic Society e, em 2015, assumiu a direção do programa de pós-graduação em regência no Instituto Peabody da Universidade Johns Hopkins (Baltimore).

PAUL LEWIS PIANO

ÚLTIMA VEZ COM A OSESP EM 2013

Ver página 28.

SUGESTÕES DE LEITURA

Cuthbert Girdlestone
MOZART & HIS PIANO CONCERTOS
DOVER, 2011

Simon P. Keefe (org.)
THE CAMBRIDGE COMPANION TO MOZART
CAMBRIDGE UNIVERSITY PRESS, 2003

Willi Reich
CARTAS DE MOZART
EDUFF, 2006
(TRADUÇÃO DE SEMÍRAMIS LÜCK)

Simon Morrison
THE PEOPLE'S ARTIST: PROKOFIEV'S SOVIET YEARS
OXFORD UNIVERSITY PRESS, 2010

INTERNET

MOZARTPROJECT.ORG
SPRKFV.NET

28 QUI 21H PAU-BRASIL
29 SEX 21H SAPUCAIA
30 SÁB 16H30 JEQUITIBÁ

OSESP
MARIN ALSOP REGENTE
GABRIELA MONTERO PIANO

MARLOS NOBRE [1939]
Kabbalah [2004], Op.96
10 MIN

EDVARD GRIEG [1843-1907]
Concerto Para Piano em Lá Menor, Op.16 [1868]
- Allegro Molto Moderato
- Adagio (Attacca)
- Allegro Moderato Molto e Marcato — Quasi Presto — Andante Maestoso

30 MIN

HEITOR VILLA-LOBOS [1887-1959]
Bachianas Brasileiras nº 4: Prelúdio [1941]
4 MIN

SERGEI RACHMANINOV [1873-1943]
Danças Sinfônicas, Op.45 [1940]
- Non Allegro
- Andante Con Moto
- Lento Assai — Allegro Vivace

34 MIN

PRAIA DE BOA VIAGEM, RECIFE,
FOTO DE CLAUDIA CAVALCANTI

Um dos compositores brasileiros vivos mais atuantes, o premiadíssimo Marlos Nobre ocupa há muito, um lugar de destaque no cenário da música contemporânea mundial.

Nascido no Recife, estudou piano e teoria musical no Conservatório Pernambucano de Música e teve aulas de harmonia e contraponto com o Padre Jaime Diniz. Mas é no campo da composição que Marlos Nobre nos apresenta um naipe invejável de professores, como Hans-Joachim Koellreutter, Camargo Guarnieri, Alberto Ginastera, Olivier Messiaen, Riccardo Malipiero, Aaron Copland e Luigi Dallapiccola. Trabalhou ainda com Alexander Goehr e Gunther Schuller e estudou música eletrônica em Nova York, com Vladimir Ussachevsky.

Kabbalah, escrita em 2004, tem por título uma palavra hebraica. Em tradução direta, significa "receber". Refere-se ao estudo que prepara o homem para receber todos os graus e planos de vida como uma única realidade. É também uma teoria e prática milenares associadas ao emprego da numerologia e das letras.

Daí surge a possibilidade de sua relação com a criação musical: os números (quer sob forma de ritmos, compassos, tempos, ou andamentos) e as letras (que representam determinadas notas e acordes) serviram, em toda a história da música ocidental, de pretextos composicionais, representando também determinados simbolismos, como é o caso do "3" da maçonaria, da Trindade etc. Bartók utilizou em suas composições os números áureos (série de Fibonacci) e Bach os empregou em praticamente toda sua obra.

É nessa tradição que se insere a *Kabbalah* de Marlos Nobre. O próprio compositor comenta: "Trabalhei os processos de composição com a numerologia e as letras judaicas da Cabala em duplo sentido: o consciente e o inconsciente, isto é, deixando que o cérebro encontrasse caminhos não previsíveis dentro dos esquemas. A peça *Kabbalah* é inteiramente baseada nos números cabalísticos, naturalmente tratados à minha maneira pessoal e, sobretudo, dando ampla margem para os incidentes e acidentes transgressores da ordem matemática pura dos números. A estrutura da peça é baseada nos números matemáticos da cabala, situando dois pontos de clímax entre situações de crescendos numéricos. O intervalo de terça menor é usado em sentido continuamente ascendente, e a superposição progressiva de terças cria um efeito cumulativo nos diferentes naipes da orquestra. [...] Assim, a obra que escrevi é um processo gradativo de tensões crescentes. E, apesar de usar uma orquestra imensa, não se sente, em momento algum, uma pasta orquestral, mas clareza absoluta, clareza e mais clareza."

A obra foi estreada em 2004, no 35º Festival de Inverno de Campos de Jordão, pela Orquestra Acadêmica do Festival.

[2005]

EDUARDO SEINCMAN é compositor, autor, tradutor e editor na área musical, e professor da Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo.

Ao ouvir o jovem Edvard Grieg tocar piano, o violinista Ole Bull se empenhou em convencer os pais do futuro compositor a enviá-lo para uma temporada de estudos no Conservatório de Leipzig, na época um dos mais renomados da Europa. E assim o talentoso garoto de quinze anos abandonou a bucólica cidade de Bergen, perdida no meio dos imponentes fiordes noruegueses. Na Alemanha, estudou com Ernst Ferdinand Wenzel, amigo pessoal de Mendelssohn e Schumann, de quem o pupilo se tornaria fervoroso admirador. Conta-se que Grieg ficou para sempre impactado ao ouvir Clara Schumann interpretar o *Concerto Para Piano em Lá Menor* de seu marido numa apresentação da Orquestra da Gewandhaus.

Grieg comporia seu próprio *Concerto Para Piano*, na mesma tonalidade de Lá Menor, quando tinha apenas 25 anos. Estreado em Copenhague em 1869, o Concerto demonstra claramente a influência de Schumann, a começar pela estrondosa abertura, seguida por acordes em cascata. Com belíssimas melodias e uma cadência extremamente virtuosística, a peça arrancou aplausos entusiasmados da plateia dinamarquesa antes mesmo do final do primeiro movimento. O sucesso da composição foi imediato, fazendo o nome Grieg circular por todo o continente.

Pensamentos transformam
O que impacta a sua empresa é importante para nós

A Deloitte está sempre pronta para apoiar sua empresa frente a qualquer novo desafio da economia e do ambiente de negócios. Conte com soluções que superem suas expectativas, na busca de resultados impactantes e inovadores.

www.deloitte.com.br
#impactthatmatters

Deloitte.

©2016 Deloitte Touche Tohmatsu Limited. Todos os direitos reservados.

LEI DE INCENTIVO À CULTURA

GOVERNO DO ESTADO SÃO PAULO
Secretaria da Cultura

Ministério da **Cultura**

GOVERNO FEDERAL BRASIL PÁTRIA EDUCADORA

Depois das impressionantes explosões pianísticas do primeiro movimento, o "Adagio" envolve os ouvintes numa atmosfera doce e ardente. O terceiro e último movimento retoma as exigências técnicas e traz referências à música tradicional norueguesa, tanto rítmica quanto melodicamente. O *Concerto* vem encantando gerações de grandes pianistas e compositores, desde Franz Liszt e, mais tarde, Sergei Rachmaninov. Não é à toa que segue sendo uma das peças mais tocadas e apreciadas do repertório.

[2014]

RICARDO TEPERMAN é doutorando em antropologia social na Universidade de São Paulo e editor da *Revista Osesp*.

É lugar-comum tratar Villa-Lobos como um compositor de quem nunca se sabe exatamente o que esperar, mas uma observação mais atenta de seu legado mostra que ele sabia separar os diversos "chapéus" e tinha uma noção muito clara de como canalizar sua imaginação para os recipientes formais mais adequados. Soube circunscrever os elementos mais insólitos de seu estilo ao formato mais flexível dos bailados, dos poemas sinfônicos e da série dos *Choros*; as sinfonias e concertos são bem mais austeros: evitam temas e instrumentos exóticos e seguem a tradição mais de perto.

A série de nove *Bachianas Brasileiras* concentra, num gesto unificado, elementos que o compositor já havia abordado em outras obras, mas ainda não tinha conseguido esmiuçar e concatenar de forma reconhecível. Ele filtrou o Bach que ouvira em sua infância, tomando-o como uma força cósmica que brota tal qual música folclórica universal. Assim, nessas suítes, em que cada movimento tem um título duplo — um remetendo ao folclore, outro, ao barroco —, Villa-Lobos conseguiu dar vazão ao seu interesse pelos paralelos entre as figurações barrocas e os desenhos melódicos do choro, pela simetria de construção, pela tonalidade alargada por toques modais, pelo contraponto intricado (mas sempre cheio de molejo e malícia), pela harmonização coral, pela sonoridade suntuosa das cordas e, acima de tudo, pela contínua entoação cantante, que faz dele um dos maiores melodistas do século XX. As *Bachianas* representam, para o ouvinte comum, a assinatura sonora de Villa-Lobos, a sua *Mona Lisa*; para a crítica mais adversa, elas são a demonstração de sua tendência ao *kitsch* e ao ufanismo grandiloquente.

As *Bachianas nº 4*, originalmente escritas para piano e orquestradas em 1941, trazem alguns dos maiores achados do compositor. O célebre "Prelúdio (Introdução)" emprega um desenho inconfundivelmente bachiano (confronte-se com a *Oferenda Musical* ou a *Partita*, BWV 830), num interminável tratamento sequencial, de efeito ao mesmo tempo lânguido e majestoso.

[2015]

FÁBIO ZANON é violonista, professor visitante na Royal Academy of Music e autor de *Villa-Lobos* (Série "Folha Explica", Publifolha, 2009). Desde 2013, é o coordenador artístico-pedagógico do Festival de Inverno de Campos do Jordão (Fundação Osesp/Secretaria do Estado da Cultura de São Paulo).

O saxofone alto, instrumento símbolo do mundo jazzístico, aparece no primeiro movimento das *Danças Sinfônicas*, de Sergei Rachmaninov — que de jazzista não tinha nada —, porém de maneira lírica e sóbria, talvez como um primo distante do fagote. Na bela peça do compositor russo, o papel de solista lírico é dado ao trompete, acompanhado com comovente singeleza por três clarinetes, numa espécie de "lamento-choro negro".

Rachmaninov tinha a intenção de transformar suas *Danças Sinfônicas* num balé. A ideia foi levada a Michel Fokine, que recebeu com entusiasmo a música brilhante e variada, totalmente adequada para uma leitura coreográfica. Com o falecimento de Fokine, a parceria não se concretizou.

Rachmaninov, mestre absoluto da tradição de orquestração russa, revela na sua obra derradeira (de 1940) uma escrita que abrange desde suas típicas harmonias amplas e modulantes até gestos bem rítmicos e angulares, associados à música de modernos conterrâneos, como Stravinsky e Prokofiev. É interessante pensar na profundidade religiosa universal das últimas obras de mestres como Strauss (*Quatro Últimas Canções*) e Beethoven (*Missa Solemnis*, últimas *Sonatas* e *Quartetos*): Rachmaninov nos deixa uma

obra de leveza notável, de um bom humor contagiante, sem abrir mão da escrita densa e de refinado virtuosismo técnico.

A suíte de *Danças Sinfônicas*, escrita poucos anos depois da arrepiante *Sinfonia nº 3*, é uma síntese de tudo o que mais amamos na música russa: o vigor e a lírica sempre pintada em cores de contraste extremo. Teria essa música também nascido de uma dança ancestral, como o tal do *jazz*? Provavelmente sim.

[2014]

ANDRÉ MEHMARI é pianista e compositor.

GRAVAÇÕES RECOMENDADAS

GRIEG
PIANO CONCERTO IN A MINOR
Berlin Philharmonic Orchestra
Mariss Jansons, regente
Leif Ove Andsnes, piano
EMI, 2007

VILLA-LOBOS
THE COMPLETE CHOROS AND BACHIANAS BRASILEIRAS
Orquestra Sinfônica do Estado de São Paulo
John Neschling, regente
Roberto Minczuk, regente
BIS, 2009

RACHMANINOV
SYMPHONIC DANCES
London Symphony Orchestra
Valery Gergiev, regente
LSO LIVE, 2012

Minnesota Orchestra
Eiji Oue, regente
REFERENCE RECORDINGS, 2001

SUGESTÕES DE LEITURA

G.W. Harris
A BRIEF BIOGRAPHY OF EDVARD GRIEG
A. J. CORNELL, 2013

Robert Layton
GRIEG
OMNIBUS, 2011

Eero Tarasti
HEITOR VILLA-LOBOS: THE LIFE AND WORKS, 1887-1959
MCFARLAND, 1995

Jean-Jacques Groleau
RACHMANINOV
ACTES SUD, 2011

Sergei Bertensson e Jay Leida
SERGEI RACHMANINOFF, A LIFETIME IN MUSIC
INDIANA UNIVERSITY PRESS, 2002

INTERNET

MUSEUVILLALOBOS.ORG.BR
RACHMANINOFF.ORG

MARIN ALSOP REGENTE

DIRETORA MUSICAL E REGENTE TITULAR

Ver p. 33

GABRIELA MONTERO PIANO

PRIMEIRA VEZ COM A OSESP

Nascida na Venezuela, Gabriela Montero formou-se pela Royal Academy of Music, em Londres, onde foi aluna de Hamish Milne. Já se apresentou com as orquestras Academy of St. Martin in the Fields, Gewandhaus de Leipzig, Philharmonia (Londres), as filarmônicas de Roterdã, da Rádio Holandesa e Real de Liverpool e as sinfônicas de Chicago, Viena, Sydney e da Cidade de Birmingham, entre muitas outras. Seu CD *Bach And Beyond* (Warner Classics, 2006) obteve dois prêmios Echo Klassik. É conhecida pelo gosto pela improvisação e, muitas vezes, convida o público a sugerir temas a partir dos quais improvisa. Muito ativa em movimentos por direitos humanos, foi nomeada Cônsul Honorária da Anistia Internacional. Ela será solista da Osesp em dois concertos na turnê europeia de 2016.

NÃO PERCA O ENCONTRO COM MARIN ALSOP E GABRIELA MONTERO NA SÉRIE "MÚSICA NA CABEÇA", DIA 28 DE ABRIL, ÀS 20H, NA SALA SÃO PAULO

BancoVotorantim
INSPIRAR A VIDA
POR MEIO
DA MÚSICA.
O Banco Votorantim é um banco brasileiro que acredita ser possível fazer a diferença na vida das pessoas, tornando a arte acessível a todos. Por isso, temos o orgulho de apoiar a Osesp, que há mais de 60 anos desenvolve um trabalho de disseminação da cultura e da música erudita na sociedade.
LEI DE INCENTIVO À CULTURA
GOVERNO DO ESTADO SÃO PAULO
Secretaria da Cultura
Ministério da Cultura
GOVERNO FEDERAL BRASIL PÁTRIA EDUCADORA
www.bancovotorantim.com.br
Serviço de Atendimento ao Cliente: 0800 728 0083, deficientes auditivos e de fala: 0800 701 8661, 24 horas por dia, 7 dias por semana, ou e-mail sac@bancovotorantim.com.br. Ouvidoria: 0800 707 0083, deficientes auditivos e de fala: 0800 701 8661, exceto feriados nacionais, de 2ª a 6ª feira, das 9h às 18h. Caixa Postal 21074, Rua Barão do Triunfo, 242, São Paulo - SP, CEP 04602-970. Formulário de contato disponível no site do Banco Votorantim S.A.

ORQUESTRA SINFÔNICA DO ESTADO DE SÃO PAULO

Desde seu primeiro concerto, em 1954, a Orquestra Sinfônica do Estado de São Paulo — Osesp — construiu uma trajetória de grande sucesso, tornando-se a instituição que é hoje. Reconhecida internacionalmente por sua excelência, a Orquestra é parte indissociável da cultura paulista e brasileira, promovendo transformações culturais e sociais profundas. Nos primeiros anos, foi dirigida pelo maestro Souza Lima e pelo italiano Bruno Roccella, mais tarde sucedidos por Eleazar de Carvalho (1912-96), que por 24 anos dirigiu a Orquestra e desenvolveu intensa atividade. Nos últimos anos sob seu comando, o grupo passou por um período de privações. Antes de seu falecimento, porém, Eleazar deixou um projeto de reformulação da Osesp. Com o empenho do governador Mário Covas, foi realizada a escolha do maestro que conduziria essa nova fase na história da Orquestra. Em 1997, o maestro John Neschling assume a direção artística da Osesp e, com o maestro Roberto Minczuk como diretor artístico adjunto, redefine e amplia as propostas deixadas por Eleazar. Em pouco tempo, a Osesp abre concursos no Brasil e no exterior, eleva os salários e melhora as condições de trabalho de seus músicos. A Sala São Paulo é inaugurada em 1999, e, nos anos seguintes, são criados os Coros Sinfônico, de Câmara, Juvenil e Infantil, o Centro de Documentação Musical, os Programas Educacionais, a editora de partituras Criadores do Brasil e a Academia de Música. Uma parceria com o selo sueco Bis e com a gravadora carioca Biscoito Fino garante a difusão da música brasileira de concerto. A criação da Fundação Osesp, em 2005, representa um marco na história da Orquestra. Com o presidente Fernando Henrique Cardoso à frente do Conselho de Administração, a Fundação coloca em prática novos padrões de gestão, que se tornaram referência no meio cultural brasileiro. Além das turnês pela América Latina (2000, 2005, 2007), Estados Unidos (2002, 2006, 2008), Europa (2003, 2007, 2010, 2012, 2013) e Brasil (2004, 2008, 2011, 2014), o grupo mantém desde 2008 o projeto Osesp Itinerante, pelo interior do estado de São Paulo, realizando concertos, oficinas e cursos de apreciação musical para mais de 70 mil pessoas. A Osesp iniciou a temporada 2010 com a nomeação de Arthur Nestrovski como diretor artístico e do maestro francês Yan Pascal Tortelier como regente titular. Em 2011, a norte-americana Marin Alsop é anunciada como nova regente titular da Orquestra por um período inicial de cinco anos, a partir de 2012. Também a partir de 2012, Celso Antunes assume o posto de regente associado da Orquestra. Neste mesmo ano, em sequência a concertos no festival BBC Proms, de Londres, e no Concertgebouw de Amsterdã, a Osesp é apontada pela crítica estrangeira (*The Guardian* e BBC Radio 3, entre outros) como uma das orquestras de ponta no circuito internacional. Lança também seus primeiros discos pelo selo Naxos, com o projeto de gravação da integral das *Sinfonias* de Prokofiev, regidas por Marin Alsop, e da integral das *Sinfonias* de Villa-Lobos, regidas por Isaac Karabtchevsky. Em 2013, Marin Alsop é nomeada diretora musical da Osesp e a orquestra realiza nova turnê europeia, apresentando-se pela primeira vez — com grande sucesso — na Salle Pleyel, em Paris, no Royal Festival Hall, em Londres, e na Philharmonie, em Berlim. Em 2014, celebrando os 60 anos de sua criação, a Osesp fez uma turnê por cinco capitais brasileiras. No ano seguinte, merece destaque uma série de apresentações regidas por Isaac Karabtchevsky de *Gurre-Lieder*, de Schoenberg (até então inédita no Brasil), que conquistou os prêmios de melhor concerto do ano nos principais jornais e revistas. Em 2016, a Osesp, com Marin Alsop, realiza turnê pelos maiores festivais de verão da Europa ■

ORQUESTRA SINFÔNICA DO ESTADO DE SÃO PAULO

DIRETORA MUSICAL E REGENTE TITULAR
MARIN ALSOP
REGENTE ASSOCIADO
CELSO ANTUNES
DIRETOR ARTÍSTICO
ARTHUR NESTROVSKI
DIRETOR EXECUTIVO
MARCELO LOPES

VIOLINOS
EMMANUELE BALDINI SPALLA
DAVI GRATON SPALLA***
YURIY RAKEVICH
LEV VEKSLER***
ADRIAN PETRUTIU
IGOR SARUDIANSKY
MATTHEW THORPE
ALEXEY CHASHNIKOV
ANDERSON FARINELLI
ANDREAS UHLEMANN
CAMILA YASUDA
CAROLINA KLIEMANN
CÉSAR A. MIRANDA
CRISTIAN SANDU
DÉBORAH WANDERLEY DOS SANTOS
ELENA KLEMENTIEVA
ELINA SURIS
FLORIAN CRISTEA
GHEORGHE VOICU
INNA MELTSER
IRINA KODIN
KATIA SPÁSSOVA
LEANDRO DIAS
MARCELO SOARES
MARCIO AUGUSTO KIM
PAULO PASCHOAL
RODOLFO LOTA
SORAYA LANDIM
SUNG-EUN CHO
SVETLANA TERESHKOVA
TATIANA VINOGRADOVA

VIOLAS
HORÁCIO SCHAEFER
MARIA ANGÉLICA CAMERON
PETER PAS
ANDRÉS LEPAGE
DAVID MARQUES SILVA
ÉDERSON FERNANDES
GALINA RAKHIMOVA
OLGA VASSILEVICH
SARAH PIRES
SIMEON GRINBERG
VLADIMIR KLEMENTIEV
ALEN BISCEVIC*

VIOLONCELOS
ILIA LAPOREV
HELOISA MEIRELLES
RODRIGO ANDRADE SILVEIRA
ADRIANA HOLTZ
BRÁULIO MARQUES LIMA
DOUGLAS KIER
JIN JOO DOH
MARIA LUÍSA CAMERON
MARIALBI TRISOLIO
REGINA VASCONCELLOS
WILSON SAMPAIO

CONTRABAIXOS
ANA VALÉRIA POLES
PEDRO GADELHA
MARCO DELESTRE
MAX EBERT FILHO
ALEXANDRE ROSA
ALMIR AMARANTE
CLÁUDIO TOREZAN
JEFFERSON COLLACICO
LUCAS AMORIM ESPOSITO
NEY VASCONCELOS

HARPA
LIUBA KLEVTSOVA

FLAUTAS
CLAUDIA NASCIMENTO
FABÍOLA ALVES PICCOLO
JOSÉ ANANIAS SOUZA LOPES
SÁVIO ARAÚJO

OBOÉS
ARCÁDIO MINCZUK
JOEL GISIGER
NATAN ALBUQUERQUE JR. CORNE INGLÊS
PETER APPS
RICARDO BARBOSA

CLARINETES
OVANIR BUOSI
SÉRGIO BURGANI
NIVALDO ORSI CLARONE
DANIEL ROSAS
GIULIANO ROSAS

FAGOTES
ALEXANDRE SILVÉRIO
JOSÉ ARION LIÑAREZ
ROMEU RABELO CONTRAFAGOTE
FILIPE DE CASTRO
FRANCISCO FORMIGA

TROMPAS
LUIZ GARCIA
ANDRÉ GONÇALVES
JOSÉ COSTA FILHO
NIKOLAY GENOV
LUCIANO PEREIRA DO AMARAL
SAMUEL HAMZEM
EDUARDO MINCZUK

TROMPETES
FERNANDO DISSENHA
GILBERTO SIQUEIRA
ANTONIO CARLOS LOPES JR. ***
MARCELO MATOS

TROMBONES
DARCIO GIANELLI
WAGNER POLISTCHUK
ALEX TARTAGLIA
FERNANDO CHIPOLETTI

TROMBONE BAIXO
DARRIN COLEMAN MILLING

TUBA
FILIPE QUEIRÓS

TÍMPANOS
ELIZABETH DEL GRANDE
RICARDO BOLOGNA

PERCUSSÃO
RICARDO RIGHINI 1º PERCUSSÃO
ALFREDO LIMA
ARMANDO YAMADA
EDUARDO GIANESELLA
RUBÉN ZÚÑIGA

TECLADOS
OLGA KOPYLOVA

GERÊNCIA
JOEL GALMACCI GERENTE
XISTO ALVES PINTO INSPETOR
LAURA PADOVAN PASSOS

ACADEMIA DA OSESP

VIOLINO
NATHAN OLIVEIRA

VIOLAS
ABNER MONILA BRASIL
CLARA DOS SANTOS

VIOLONCELOS
MATHEUS MELLO
RAFAEL DE CABOCLO

CONTRABAIXO
THIAGO PAGANELLI

FLAUTA
JÚLIA DONLEY

FAGOTE
ANGE BAZZANI

CLARINETE
TIAGO CARVALHO

TROMPAS
JESSICA VICENTE
TAYANNE SEPULVEDA

TROMPETES
ANDRÉ LACERDA
ROGER BRITO

TROMBONES
SILAS FALCÃO
HÉLIO GÓES

PERCUSSÃO
CARLOS DOS SANTOS

TECLADO
DANA RADU

(*) MÚSICO CONVIDADO
(**) MÚSICO LICENCIADO
(***) CARGO INTERINO

OS NOMES ESTÃO RELACIONADOS EM ORDEM ALFABÉTICA, POR CATEGORIA. INFORMAÇÕES SUJEITAS A ALTERAÇÕES

CORO DA OSESP

Criado em 1994, como Coro Sinfônico do Estado de São Paulo, o Coro da Osesp (como é chamado desde 2001) reúne um grupo de cantores de sólida formação musical e é uma referência em música vocal no Brasil. Nas apresentações junto à Osesp, em grandes obras do repertório coral-sinfônico, ou em concertos *a cappella* na Sala São Paulo e pelo interior do estado, o grupo aborda diferentes períodos musicais, com ênfase nos séculos XX e XXI e nas criações de compositores brasileiros, como Almeida Prado, Aylton Escobar, Gilberto Mendes, Francisco Mignone, Liduino Pitombeira, João Guilherme Ripper e Villa-Lobos. Entre 1994 e 2015, o Coro da Osesp teve Naomi Munakata como coordenadora e regente. Em 2014, Naomi foi nomeada Regente Honorária do grupo. Em 2009, o Coro da Osesp lançou seu primeiro disco, *Canções do Brasil*, que inclui obras de Osvaldo Lacerda, Francisco Mignone, Camargo Guarnieri, Marlos Nobre e Villa-Lobos, entre outros compositores brasileiros. Em 2013, lançou gravação de obras de Aylton Escobar (Selo Osesp Digital) e, em 2015, gravou obras de Bernstein junto à Orquestra Sinfônica de Baltimore regida por Marin Alsop, para CD do selo Naxos ■

CORO DA OSESP

REGENTE HONORÁRIA
NAOMI MUNAKATA

SOPRANOS
ANNA CAROLINA MOURA
ELIANE CHAGAS
ÉRIKA MUNIZ
FLÁVIA KELE DE SOUSA
JAMILE EVARISTO
JI SOOK CHANG
MARINA PEREIRA
MAYNARA ARANA CUIN
NATÁLIA ÁUREA
REGIANE MARTINEZ**
ROXANA KOSTKA
VIVIANA CASAGRANDI

CONTRALTOS / MEZZOS
ANA GANZERT
CELY KOZUKI
CLARISSA CABRAL
CRISTIANE MINCZUK
FABIANA PORTAS
LÉA LACERDA MONITORA
MARIA ANGÉLICA LEUTWILER
MARIA RAQUEL GABOARDI
MARIANA VALENÇA
MÔNICA WEBER BRONZATI
PATRÍCIA NACLE
SILVANA ROMANI
SOLANGE FERREIRA
VESNA BANKOVIC

TENORES
ANDERSON LUIZ DE SOUSA
CARLOS EDUARDO DO NASCIMENTO
CLAYBER GUIMARÃES
ERNANI MATHIAS ROSA
FÁBIO VIANNA PERES
JABEZ LIMA
JOCELYN MAROCCOLO
LUIZ EDUARDO GUIMARÃES
MÁRCIO SOARES BASSOUS MONITOR
ODORICO RAMOS
PAULO CERQUEIRA
RÚBEN ARAÚJO

BAIXOS / BARÍTONOS
ALDO DUARTE
ERICK SOUZA
FERNANDO COUTINHO RAMOS
FLAVIO BORGES
FRANCISCO MEIRA
ISRAEL MASCARENHAS
JOÃO VITOR LADEIRA
LAERCIO RESENDE
MOISÉS TÉSSALO
PAULO FAVARO
SABAH TEIXEIRA MONITOR

PREPARADOR VOCAL
MARCOS THADEU

PIANISTA CORREPETIDOR
FERNANDO TOMIMURA

GERÊNCIA
CLAUDIA DOS ANJOS GERENTE
SEZINANDO GABRIEL DE O. NETO INSPETOR

CORO ACADÊMICO DA OSESP

REGENTE
MARCOS THADEU

SOPRANOS:
ANA CAROLINA COUTINHO
GIULIA MOURA
MARIANA SABINO
TAMARA CAETANO
THAIS AZEVEDO

CONTRALTOS:
ADRIENE GREICE
EMILY ALVES
IVY SZOT
LUIZA BIONDI
NAE MATAKAS

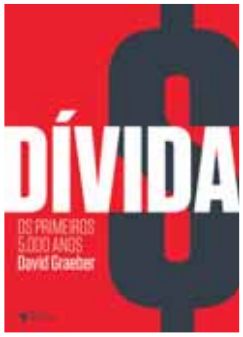
TENORES:
DANIEL BERTHOLDO
DAVID MEDRADO
MIKAEL COUTINHO
MIQUEIAS PEREIRA
RAFAEL OLIVEIRA

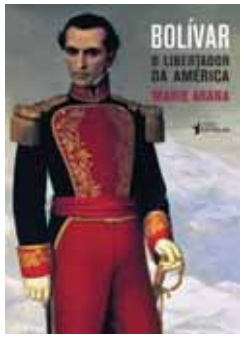
BAIXOS:
FÚLVIO LIMA
GUILHERME AMORIM
GUILHERME ROBERTO
LUIS FIDELIS
VINÍCIUS COSTA

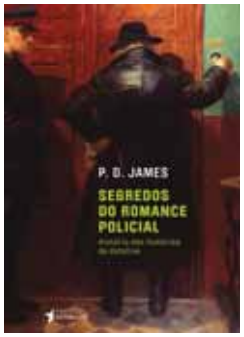
PIANISTA CORREPETIDORA
CAMILA OLIVEIRA

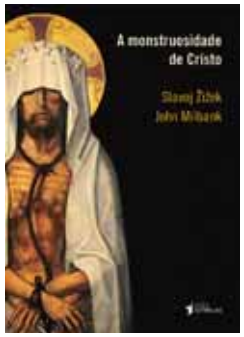
(**) MÚSICO LICENCIADO

OS NOMES ESTÃO RELACIONADOS
EM ORDEM ALFABÉTICA, POR CATEGORIA.
INFORMAÇÕES SUJEITAS A ALTERAÇÕES



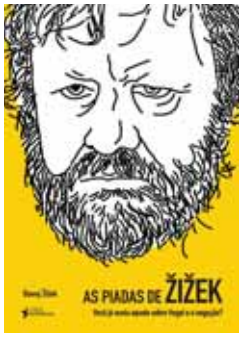






Quatro anos do melhor da não ficção

TRÊS ESTRELAS



CORO INFANTIL DA OSESP

REGENTE
TERUO YOSHIDA

ALLICE SOUZA DINIZ
ANA CAROLINA DA COSTA OLIVEIRA
ANA CLARA MOREIRA DA SILVA
ANA CLARA ZAMPIERI D'ANDREA
ANA LUIZA ROSA NAVES
ANDRÉ LUIZ CARDOSO AZEVEDO
CAIO HUANCA IACOMUSSI
CAYENNE CASTRO AGUIAR
CLOE PERRUT DE GODOI
DAVID GRAÇA RIBEIRO
ENZO TOLEDO ANDREUCCETTI
FLÁVIA MOREIRA DE CARVALHO ARANTES
FRANCISCO KRINDGES GERALDINI
GABRIELA KAZAKEVICIUS
GABRIELA SILVEIRA
GABRIELE BUENO ALVES
GABRIELLI DE OLIVEIRA SOUZA
GIOVANA MASKALENKA
GIOVANNA MELLO CAMARGO
GIOVANNA VITHÓRIA DIAS TEIXEIRA
HELENA CAPELOSSI
INGRID SANTOS CLE CHERUN
IRENE CHAPUIS FONSECA
IRINA ALFONSO FREDERICO
ÍRIS DE CAMPOS MELERO
ISABELLA ZANELLATTO LACERDA
IZABELA AMOROSO CAVALCANTE
JULIA CORRÊA OLIVEIRA
JULIA PIRES DE BRITTO COSTA
JULIA RIBEIRO MONTIN
JULIA SALIM PINTO
JULLIA FISCHBORN ARDANUY
LETÍCIA SAITO KOJIMA
LUCAS SHOJI
LUIZ ROBERTO QUINTEROS DOS SANTOS
LUIZA PIRES DE BRITTO COSTA
MARCELLA YURI HONMOTO TAKABATAKE
MARIA EDUARDA GONÇALVES DOS SANTOS
MARIA SIMONE SALEK SALDIAS
MARINA CELANI GUEDES
MIGUEL DE AZEVEDO MARQUES
MINA CHYNN KU ALBUQUERQUE
MURILLO BOMFIM NASCIMENTO
NATHALIA DA SILVA SANTANA
PAULA CAETANO LEITE
PAULA SANTANA SCHIMIT
PAULO CESAR GONÇALVES DE LIMA
PRISCILA CARDOSO TEIXEIRA
RAFAELLA MARTINS SILVA
REBECCA SANTOS DE SOUZA
RICARDO MARTINS COGHI ALVES
SARA HELEN DA SILVA
SOFIA MAGON WEBER
SOFIA MARTINS RIBEIRO COELHO DE MAGALHÃES
SOFIA SANTANA
SOFIA SPASSOVA COSTA
SOPHIE YUMI SILVA ITO
THAYNÁ FERNANDA SILVA BORGES
VIVIAN GABRIELLY AMARAL VELOSO
YOHANA ROCHA GRANATTA
YSA PAULA DA COSTA OLIVEIRA

PIANISTA
DANA RADU

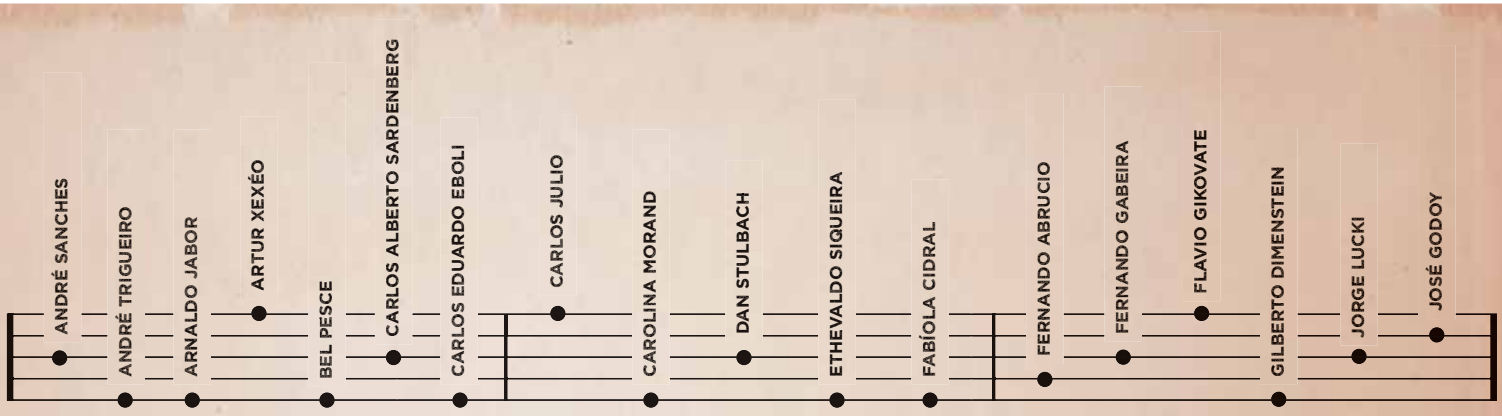
CORO JUVENIL DA OSESP

REGENTE
PAULO CELSO MOURA

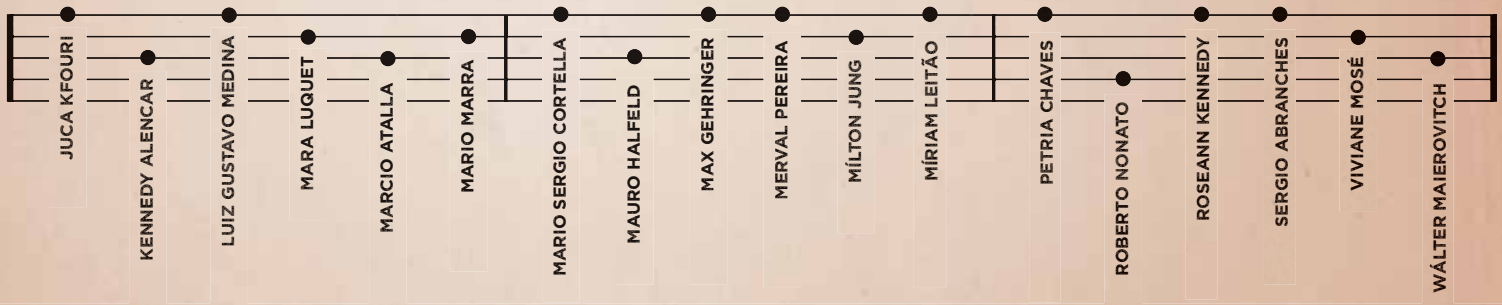
AGATHA GABRIELA E SILVA
BEATRIZ APARECIDA BARBOSA DE SOUZA
CAMILA NOBRE SANTOS
CARINA BISPO MIRANDA
CATARINA AKEMI LOPES KAWAKANI
DANIEL DE SOUZA SILVA JUNIOR
DANIEL PRADO FILHO
DAVI LIMA DA SILVA
ELISABETH PRIMO RIOS
ENZO ROCHA MAGRI
ESTHER CAROLAYNE SILVA FURQUIM
FERNANDA FERNANDES QUINTANILHA
FERNANDA MOREIRA DE CARVALHO ARANTES
FERNANDA MOURA DA SILVA
GABRIEL SILVA PROCÓPIO
GIOVANNA MARIA SILVA CANDIDA
GRAZIELA STEFANO VYUNAS
GUSTAVO BARRAVIERA RODRIGUES
HELLEN CRISTINA SOUZA SABINO
HENRIQUE SILVA PEDROSO
INGREDY FREITAS DOS SANTOS
IZABELA VIEIRA MARCIANO
JENNIFER ANNE SANTANA DA SILVA
JOÃO PEDRO MONTANDAN HOKAMA
JULIA CARDOSO CUNHA
JULIANA CALASANS DOS SANTOS
KEREN ANA RAMOS AQUINO
LEONARDO OLIVEIRA DE LIMA
MARGOT LOHN KULLOCK
MARIA CLARA PERRUT DE GODOI
MARIANE ELOAR SILVA CAMARGO
MATHEUS BRIAN GONÇALVES DE SOUZA
MELISSA CASSIANO DE SOUSA
NAARA ELLEN MALIAN
NATHALIA GRILLO DOMINGOS
RAFAEL CLAUDIO DA SILVA SOUZA
RAQUEL BEZERRA
RENATO FRITZ HOEFLER
ROBSON RAFAEL DAS SANTOS GODOY
ROGÉRIO DA SILVA DE JESUS
SILVIO EDUARDO GOMES DA SILVA
SOPHIA ALFONSO FREDERICO
STEPHANIE DE FÁTIMA DA SILVA VIANNA
VICTORIA BEATRIZ SOUZA NIZA
VINICIUS BITANCOURT SODRÉ
VITORIA COSTA DE SOUSA

PIANISTA
DANA RADU

OS NOMES ESTÃO RELACIONADOS
EM ORDEM ALFABÉTICA, POR CATEGORIA.
INFORMAÇÕES SUJEITAS A ALTERAÇÕES



Para os jornalistas da **CBN**, tocar notícia é como fazer uma sinfonia.



A CBN não toca música.
Mas a equipe de âncoras é afinadíssima.
Os comentaristas são virtuoses da palavra e da informação jornalística.

CBN 25 ANOS

FUNDAÇÃO OSESP
PRESIDENTE DE HONRA
FERNANDO HENRIQUE CARDOSO

CONSELHO DE ADMINISTRAÇÃO
PRESIDENTE
FÁBIO COLLETTI BARBOSA
VICE-PRESIDENTE
ANTONIO CARLOS QUINTELLA
CONSELHEIROS
ALBERTO GOLDMAN
HEITOR MARTINS
HELIO MATTAR
JOSÉ CARLOS DIAS
LILIA MORITZ SCHWARCZ
MANOEL CORRÊA DO LAGO
PAULO CEZAR ARAGÃO
PEDRO PARENTE
SÁVIO ARAÚJO

CONSELHO DE ORIENTAÇÃO
PEDRO MOREIRA SALLES
FERNANDO HENRIQUE CARDOSO
CELSO LAFER
HORACIO LAFER PIVA
JOSÉ ERMÍRIO DE MORAES NETO

CONSELHO FISCAL
JÂNIO GOMES
MANOEL BIZARRIA GUILHERME NETO
MIGUEL SAMPOL POU

CONSELHO CONSULTIVO
ANDRÉ VITOR SINGER
ANTONIO CARLOS CARVALHO DE CAMPOS
ANTONIO CARLOS VALENTE DA SILVA
AUGUSTO LUIS RODRIGUES
DRAUZIO VARELLA
EDUARDO GIANNETTI
EDUARDO PIRAGIBE GRAEFF
EUGÊNIO BUCCI
FÁBIO MAGALHÃES
FRANCISCO VIDAL LUNA
GUILHERME WISNIK
GUSTAVO ROXO FONSECA
JAC LEIRNER
JAYME GARFINKEL
JOSÉ EUSTACHIO
JOSÉ HENRIQUE REIS LOBO
JOSÉ PASTORE
JOSÉ ROBERTO WHITAKER PENTEADO
LORENZO MAMMÌ
LUIZ SCHWARCZ
MONICA WALDVOGEL
NELSON RUSSO FERREIRA
PERSIO ARIDA
PHILIP YANG
RAUL CUTAIT
RICARDO LEAL
RICARDO OHTAKE
RÔMULO DE MELLO DIAS
SÉRGIO ADORNO
SÉRGIO GUSMÃO SUCHODOLSKI
STEFANO BRIDELLI
TATYANA FREITAS
THILO MANNHARDT
VITOR HALLACK
WILLIAM VEALE
ZÉLIA DUNCAN

(*) ESTAGIÁRIOS

DIRETORIA EXECUTIVA
MARCELO LOPES DIRETOR EXECUTIVO
FAUSTO A. MARCUCCI ARRUDA SUPERINTENDENTE
ASSISTENTES
JULIANA DIAS FRANÇA
CAROLINA BORGES FERREIRA

DIRETORIA ARTÍSTICA
ARTHUR NESTROVSKI DIRETOR ARTÍSTICO
ISABELA PULFER ASSESSORA
DANNYELLE UEDA ASSISTENTE
PLANEJAMENTO ARTÍSTICO
ENEIDA MONACO COORDENADORA
FLÁVIO MOREIRA

FESTIVAL INTERNACIONAL
DE INVERNO DE CAMPOS DO JORDÃO
FÁBIO ZANON COORDENADOR ARTÍSTICO-PEDAGÓGICO

JURÍDICO
DANIELLA ALBINO BEZERRA GERENTE
VINICIUS CARLOS SANTOS
VINICIUS KOPTCHINSKI ALVES BARRETO

CENTRO DE DOCUMENTAÇÃO MUSICAL
E EDITORA CRIADORES DO BRASIL
ANTONIO CARLOS NEVES PINTO COORDENADOR
HERON MARTINS SILVA
CÉSAR AUGUSTO PETENÁ
FELIPE FERNANDES SILVA
GUILHERME DA SILVA TRIGINELLI
LEONARDO DA SILVA ANDRADE
RAFAEL RIBEIRO DA CUNHA
TAIS ANGÉLICA DE BRITTO PUPATO
THIAGO RIBEIRO FRANCISCO*
MARINA TARATETA FRANCO DE OLIVEIRA
SEVERINA MARIA TEIXEIRA

ATIVIDADES EDUCACIONAIS
ROGÉRIO ZAGHI COORDENADOR
ACADEMIA
CAMILA ALESSANDRA RODRIGUES DA SILVA
DANA MIHAELA RADU PIANISTA CORREPETIDORA
NAGELA GARDENE SILVA NOGUEIRA
EDUCAÇÃO MUSICAL
HELENA CRISTINA HOFFMANN
DANIELA DE CAMARGO SILVA
ISABELLA FRAGA LOPES PEREIRA
SIMONE BELOTTI
CORO INFANTIL
TERUO YOSHIDA REGENTE
CORO JUNENIL
PAULO CELSO MOURA REGENTE
BRENA FERREIRA BUENO
CORO ACADÊMICO
MARCOS THADEU REGENTE
EDUCAÇÃO PATRIMONIAL
RENATA LIPIA LIMA
THAIS DUQUE RIBEIRO*
VICTOR LEITE DE OLIVEIRA*

MARKETING
CARLOS HARASAWA DIRETOR
ASSINATURAS
RAFAEL SANTOS
MARIA LUIZA DA SILVA
THAIS OLIVEIRA DE SOUSA
LUCAS MARQUES DA SILVA*
EVENTOS E CAPTAÇÃO PESSOA FÍSICA
MAUREN STIEVEN
GABRIELLE A. DE OLIVEIRA COELHO
GRAZIELA FERNANDA GAETA TOGNETTI*
THAMIRIS FRANCO MEDEIROS*
RELACIONAMENTO PATROCINADORES E PARCEIROS
NATÁLIA LIMA
JULIANA MARTINS VASSOLER DE BRITTO
DANIELE FIERE SILVA
HELOISE TIEMI SILVA*

COMUNICAÇÃO
MARCELE LUCON GHELARDI GERENTE
DESIGN
BERNARD WILLIAM CARVALHO BATISTA
DEBORA NISHIOKA*
IMPRENSA
ALEXANDRE AUGUSTO ROXO FELIX
FERNANDO MAGARIAN FREITAS*
MÍDIAS DIGITAIS
FABIANA GHANTOUS
NATÁLIA KIKUCHI
SOFIA CALABRIA Y CARNERO*
PUBLICIDADE / PUBLICAÇÕES E IMPRESSOS
ANA PAULA SILVA MONTEIRO
GIOVANNA CAMPELO
ISABELA FANTINI GUASCO*

CONTROLADORIA
CRISTINA M. P. DE MATOS CONTROLLER
ALLINE FORMIGONI ROSSI
JERONYMO R. ROMÃO
RAFAEL HENRIQUE DE SOUZA ALEIXO
HÉLIDA APARECIDA RODRIGUES DA SILVA

CONTABILIDADE
IMACULADA C. S. OLIVEIRA GERENTE
LEONARDO QUEIROZ
VALÉRIA DE ALMEIDA CASSEMIRO
LUIS FILIPE RIBEIRO*

FINANCEIRO
FABIANO CASSANELLI DA SILVA GERENTE
VERA LUCIA DOS SANTOS SOUZA
AILTON GABRIEL DE LIMA JR
JANDUI APRIGIO MEDEIROS FILHO
THAYNARA DA SILVA
FELIPE PEREIRA GAMA*

DIVISÃO ADMINISTRATIVA
GIACOMO CHIARELLA GERENTE
CAROLINA BENKO SGAI
SANDRA APARECIDA DIAS
STHEPHANI SANTIAGO AMERICO
RAFAEL LOURENCO PATRICIO
KAIKE APARECIDO MENDES COUTO**
RECEPÇÃO
ALEX DE ALMEIDA ALQUIMIM
CATIANE ARAUJO DE MELO
EUNICE DE FALCO ASSIS
MARIA JOCELMA A. R. NISHIUCHI
MICHELLY CAVALCANTE DE MOURA
SERVIÇO DE COPA
ANDREIA MARTINS DOS SANTOS
SERVIÇOS TERCEIRIZADOS
MARIA TERESA ORTONA FERREIRA
MANUTENÇÃO E OBRAS
MURILO SOBRAL COELHO
JOSÉ AUGUSTO SÃO PEDRO
MARCIEL BATISTA SANTOS
OSVALDO DE SOUZA BRITTO
ZENIVALDO DE JESUS
ALESSANDRO HENRIQUE ALVES DO NASCIMENTO
GABRIEL DE AZEVEDO SILVA
ROBERTO DE SOUZA SANTOS
TIAGO DE SOUZA DIAS
UALANS GOMES CONCEIÇÃO
ANDRÉ DO NASCIMENTO SANTOS
FELIPE DE CASTRO LEITE LAPA
GUILHERME FERNANDES DA SILVA*
LUIS HENRIQUE SANTOS DE SOUZA*
RECURSOS HUMANOS
LEONARDO DUTRA DI PIAZZA GERENTE
MARLENE APARECIDA DE ALMEIDA SIMÃO
THAMIRIS LANE DA SILVA
CAMILA SANTANA DE ARAUJO
INFORMÁTICA
MARCELO LEONARDO DE BARROS
GEOVANNI SILVA FERREIRA
GUSTAVO TADEU CANOA MORGADO
LUIZ HENRIQUE JOSE DA SILVA*

COMPRAS E SUPRIMENTOS
AILTON GABRIEL DE LIMA JR
DEISE PEREIRA PINTO
MARIA DE FÁTIMA RIBEIRO DE SOUSA
ROSELI FERNANDES
ALMOXARIFADO
WILSON RODRIGUES DE BARROS
ARQUIVO
EDUARDO DE CARVALHO
ISABEL DE CÁSSIA CREMA GONÇALVES
SAYONARA SOUZA DOS SANTOS
GABRIEL JUSTINO DE SOUZA*

DIVISÃO OPERACIONAL
ANALIA VERÔNICA BELLI GERENTE
DEPARTAMENTO PRODUÇÃO – OSESP
ALESSANDRA CIMINO
JEFERSON ROCHA DE LIMA
LIVIA MARTINS NONATO
FELIPE UBALDO MILANI
DEPARTAMENTO TÉCNICO
KARINA FONTANA DEL PAPA GERENTE
ERIK KLAUS LIMA GOMIDES
ANGELA DA SILVA SARDINHA
ELIEZIO FERREIRA DE ARAUJO
BIANCA PEREIRA DOS SANTOS
VINICIUS DO NASCIMENTO
ILUMINAÇÃO
EDIVALDO JOSÉ DA SILVA
GABRIEL BARONE RAMOS
SOM
ANDRE VITOR DE ANDRADE
FERNANDO DIONISIO VIEIRA DA SILVA
RENATO FARIA FIRMINO
MONTAGEM
RODRIGO BATISTA FERREIRA
DENILSON CARDOSO ARAUJO
EDGAR PAULO DA CONCEIÇÃO
EDIVALDO JOSE DA SILVA
EMERSON DE SOUZA
GERSON DA SILVA
HUMBERTO ALVES CAROLINO
JOSÉ CARLOS FERREIRA
JÚLIO CESAR BARRETO DE SOUZA
MÁRCIO DIONIZIO SILVA
NIZINHO DEIVID ZOPELARO
RODRIGO STEVANIN
SANDRO SILVESTRE DA SILVA
DEPARTAMENTO DE OPERAÇÕES
MÔNICA CÁSSIA FERREIRA GERENTE
REGIANE SAMPAIO BEZERRA
FABIANE DE OLIVEIRA ARAUJO
GUILHERME VIEIRA
LARISSA BALEEIRO DA SILVA
MARIANA DE ALMEIDA NEVES
CRISTIANO GESUALDO
CONTROLADOR DE ACESSO
ADAILSON DE ANDRADE
INDICADORES
REGINALDO DOS SANTOS DE ALMEIDA
DANIELA DOS SANTOS DA CONCEIÇÃO
ALINE VILAS BOAS OLIVEIRA
FABRÍCIO DE FREITAS SILVA
ALUANE LOPES RODRIGUES*
CASSIO MOISES DA SILVA*
HENRIQUE LIMA ESPINOSA*
FILIPE VECCHIA D'ELIA*
GIOVANNI PEREIRA DOS SANTOS*
ISADORA MEIRELLES ROBERTO
JAIR DE ARAUJO SILVA*
JESSICA NAYANNE DOS SANTOS*
JULIANA MOURA DA SILA*
KELLY BACCAGLINI*
LARISSA EVARISTO*
LEANDRO DE ALMEIDA LEÃO*
LILIAN LITSUHO HASHIMOTO*
LUCAS DE OLIVEIRA VIEIRA*
LUCAS FERREIRA CARDOSO DOS SANTOS*
LUIS GUSTAVO SOUZA SILVA*
MARINA DE SOUZA GUIMARÃES*
ROGÉRIO AUGUSTO TEIXEIRA*
SIMONE HITOMI HOZAWA*
BEATRIZ DE OLIVEIRA**
CATARINE CRUZ BRITO**
DAVI SILVA SANCHES**

(*) ESTAGIÁRIOS
(**) APRENDIZES

PROGRAMA SUA ORQUESTRA

AGRADECEMOS A TODOS QUE CONTRIBUEM COM O NOSSO PROGRAMA DE CAPTAÇÃO DE RECURSOS PARA OS PROGRAMAS EDUCACIONAIS DA OSESP

PATRONO / ACIMA DE R$15.001,00

ALVARO LUIZ BRUZADIN FURTADO
ANDRE RODRIGUES CANO
ANDREW THOMAS CAMPBELL
ANTONIO QUINTELLA
CARLOS EDUARDO MORI PEYSER
FABIO COLLETTI BARBOSA
HEITOR MARTINS
JAYME GARFINKEL
MARCELO KAYATH
PAULO BILEZIKJIAN
WASHINGTON KATO
1 ANÔNIMO

PRESTO / DE R$8.001,00 A R$15.000,00

ANDRÉ CAMINADA
DANIEL LEMBO SCHILLER
HELIO MATTAR
HORACIO LAFER PIVA
J. ROBERTO WHITAKER PENTEADO
JOSÉ CARLOS DIAS
LILIA MORITZ SCHWARCZ
MAURICIO CASTANHO TANCREDI
PAULO APARECIDO DOS SANTOS
PEDRO SALMERON CARVALHO
STEFANO BRIDELLI
SYLVIO RICARDO PEREIRA DE CASTRO
TERESA CRISTINA FERNANDEZ MIAZZI

VIVACE CON BRIO / DE R$4.001,00 A R$8.000,00

ADRIANO ZAN
ALBERTO CAZAUX
ALBERTO DOMINGOS FILHO
ANA DE OURO PRETO CORRÊA DO LAGO
ANTONIO DE JESUS MENDES
BOO SUNG CHOI
CARLOS ALBERTO WANDERLEY JUNIOR
CARMEM LUIZA GONZALEZ DA FONSECA
CHISLEINE FÁTIMA DE ABREU
FERNANDA MARIA VILLAÇA BOUERI
GUILHERME CAOBIANCO MARQUES
GUSTAVO ROXO
HELGA VERENA LEONI MAFFEI
ILMA TERESINHA ARNS WANG
ISRAEL VAINBOIM
JOSÉ CARLOS BAPTISTA DO NASCIMENTO
JOSÉ PASTORE
JOSÉ ROBERTO BENETI
JULIO CESAR DA COSTA
LUIS EDMUNDO PINTO DA FONSECA
LUIZ DO NASCIMENTO PEREIRA JUNIOR
LUIZ FRANCO BRANDÃO
LUIZ GONZAGA MARINHO BRANDÃO
MARCOS GOMES AMORIM
MARIA ELISA FUDABA CURCIO PEREIRA
MARIA LUIZA PIGINI SANTIAGO PEREIRA
NELSON MERCHED DAHER FILHO
PETER GREINER
RAQUEL SZTERLING NELKEN
REGINA LÚCIA ELIA GOMES
RODRIGO RIBEIRO NOVAES
SERGIO TADEU RIBEIRO
TARCISIO BARRETO CELESTINO
TOMASZ KOWALTOWSKI
VERA LUCIA PERES PESSÔA
VITÓRIO LUIS KEMP
WALDEMAR COELHO HACHICH
ZOROASTRO CERVINI ANDRADE
5 ANÔNIMOS

VIVACE / DE R$2.001,00 A R$4.000,00

ABNER OLIVA
ALFONSO HUMBERTO CELIA SILVA
ALMIR FERREIRA DE SOUSA
ALUÍZIO GUIMARÃES CUPERTINO
ANA BEATRIZ LORCH ROTH
ANA ELISABETH ADAMOVICZ DE CARVALHO
ANITA LEONI
ANTONIO CAPOZZI
ANTONIO CLARET MACIEL SANTOS
ANTONIO DIMAS
ANTONIO MARCOS VIEIRA SANTOS
ARNALDO MALHEIROS
BERTHA ROSENBERG
CARLOS ALBERTO MATTOSO CISCATO
CARLOS EDUARDO A. M. DE ANDRADE
CARLOS MACRUZ FILHO
CARLOS ROBERTO APPOLONI
CLÁUDIO CÂMARA
CLODOALDO APARECIDO ANNIBAL
DEBORAH NEALE
DORIS CATHARINE CORNELIE KNATZ KOWALTOWSKI
ED AQUINO
EDILSON DE MORAES REGO FILHO
EDITH RANZINI
EDSON MINORU FUKUDA
ELAYNE RODRIGUES DE MATOS
ELISEU MARTINS
ELZA MARIA ROCHA PADUA
ETSUKO IKEDA DE CARVALHO
EURICO RIBEIRO DE MENDONÇA
FÁTIMA PORTELLA RIBAS MARTINS
FRANCISCO SCIAROTTA NETO
GASTÃO JOSE GOULART DE AZEVEDO
GONZALO VECINA NETO
HAMILTON BOKALEFF DE OLIVEIRA JUNIOR
HELDER OLIVEIRA DE CASTRO
HELIO ELKIS
IVAN CUNHA NASCIMENTO
JAIME PINSKY
JAIRO OKRET
JAYME VOLICH
JEANETTE AZAR
JONATHAN E. KELLNER
JOONG HYUN SHIN
JOSÉ CARLOS ROSSINI IGLÉZIAS
JOSÉ GOLDENBERG
JOSÉ LUIZ GOUVEIA RODRIGUES
JOSÉ NELSON FREITAS FARIAS
JUDITH MIREILLE BEHAR
JUNIA BORGES BOTELHO
KARL HEINZ KIENITZ
LAURA PALADINO DE LIMA
LAYDE HILDA MACHADO SIQUEIRA
LEONARDO ARRUDA DO AMARAL ANDRADE
LEONARDO KENJI RIBEIRO KITAJIMA
LUCI BANKS LEITE
LUIS ROBERTO SILVESTRINI
LUIZ DIEDERICHSEN VILLARES
MARCIO AUGUSTO CEVA
MARCIO MARCH GARCIA
MARIA HELENA LEONEL GANDOLFO
MARINA DE ALMEIDA AOKI
MAURICIO CARLOS MARTINS REZENDE
MAURICIO GOMES ZAMBONI
MÉRCIA LUCIA DE MELO NEVES CHADE
MIGUEL LOTITO NETTO
NELI APARECIDA DE FARIA
NELSON DE OLIVEIRA BRANCO
ORLANDO CESAR DE OLIVEIRA BARRETTO
OSWALDO HENRIQUE SILVEIRA
PAULO CAMPOS CARNEIRO
PAULO ROBERTO CAIXETA
PAULO ROBERTO PORTO CASTRO
PEDRO SPYRIDION YANNOULIS
PLINIO TADEU CRISTOFOLETTI JUNIOR
PROVVIDENZA BERTONCINI
RAFAEL GOLOMBEK
RAPHAEL PEREIRA CRIZANTHO
RENÉ HENRIQUE GÖTZ LICHT
RICARDO CARNICELLI DE OLIVEIRA
SAMI TEBECHRANI
SANTO BOCCALINI JUNIOR
SARAH VALENTE BATTISTELLA
SATOSHI YOKOTA
SERGIO PAULO RIGONATTI
SIDNEI FORTUNA
SILVIA EKMAN SIMÕES
STEPHAN WOLYNEC
TARCÍSIO SARAIVA RABELO JR.
VALDIR RODRIGUES DE SOUZA
VERA DA CONCEIÇÃO FERNANDES HACHICH
WILTON QUEIROZ DE ARAUJO
ZILMA SOUZA CAVADAS
20 ANÔNIMOS

ALLEGRO / DE R$1.001,00 A R$2.000,00

ADEMAR PEREIRA GOMES
ADRIANA NUNES
ALAOR CHIODIN
ALBINO DE BORTOLI
ALCEU LANDI
ALIDA MARIA FLEURY BELLANDI
ALZIRA MARIA ASSUMPÇÃO
ANTONIO SALATINO
ARTUR HENRIQUE DE TOLEDO DAMASCENO
CARLO CELSO LENCIONI ZANETTI
CARLOS EDUARDO MANSUELLI FORNERETO
CARMEN SILVIA DE MELO
CECILIA ABELHA STREMLOW
CELINEA VIEIRA PONS
CRISTIANE VIEIRA DOS SANTOS BARROS
DEBORA ARNS WANG
DÉCIO PEREIRA COUTINHO
DIANA VIDAL
DIDIO KOZLOWSKI
DIONE MARIA PAZZETTO ARES
ELIANA R. M. ZLOCHEVSKY
ELISABETH BRAIT
FELICIANO LUMINI
FERNANDA DE MIRANDA MARTINHO
FERNANDO CÉSAR NARDUZZO
FERNANDO MOREIRA DE ANDRADE
FILIPPE VASCONCELLOS DE FREITAS GUIMARÃES
FLAVIA HELENA PIUMA SILVEIRA
FRANCISCO SEGNINI JR
FRIEDRICH THEODOR SIMON
GERALDO GOMES SERRA
GIOCONDA DA CONCEIÇÃO SILVA
GLORIA MARIA DE ALMEIDA SOUZA TEDRUS
HELIO JULIO MARCHI
HENRIQUE HUSS
IDEVAL BERNARDO DE OLIVEIRA
ILAN AVRICHIR
ISIS CRISTINA BARCHI
JOÃO LAZARO DA SILVA
JOÃO PEDRO RODRIGUES
JOAQUIM VIEIRA DE CAMPOS NETO
JOSE ADAUTO RIBEIRO
JOSE ANTONIO MEDINA MALHADO
JOSE BILEZIKJIAN
JOSÉ CARLOS GONSALES
JOSE CERCHI FUSARI
JOSE GUILHERME VARTANIAN
JOSE HERNANI ARRYM FILHO
JOSE MARIA CARDOSO DE ASSIS
JOSE ROBERTO DE ALMEIDA MELLO
JOSÉ ROBERTO FORNAZZA
JOSÉ SUDÁ PIRES
JULENE NEVES DE OLIVEIRA JESUS
JULIO MILKO
LAURO SOTTO
LILIA BLIMA SCHRAIBER
LUÍS MARCELLO GALLO
LUIZ ABLAS
LUIZ CESÁRIO DE OLIVEIRA
MANOEL THEOPHILO BARBOSA FILHO
MARCELO JUNQUEIRA ANGULO
MARCELO PENTEADO COELHO
MARCIO VERONESE ALVES
MARCUS TOMAZ DE AQUINO
MARCUS VINICIUS LOBREGAT
MARIA CECILIA SENISE MARTINELLI
MARIA INEZ CEZAR DE ANDRADE
MARIA JOSEFA SUÁREZ CRUZ
MARIA KADUNC
MARIA TERESA ROLIM ROSA
MARINA PEREIRA BITTAR
MAURICIO YASUDA
MAURO FISBERG
MAURO NEMIROVSKY DE SIQUEIRA
MESSIAS MACIEL DO PRADO
MICHAEL HARADOM
MIGUEL SAMPOL POU
NADIR DA GLORIA HAGUIARA CERVELLINI
NAPOLEON GOH MIZUSAWA
NATANIEL PICADO ALVARES
NEUSA MARIA DE SOUZA
NEWTON FARIAS PRATES
OSCAR MATHIAS FERREIRA
OSCAR WINDMÜLLER
PATRICIA RADINO ROUSE
PATRICK CHRISTIAN POLAK
PAULO DE TOLEDO PIZA
PAULO EMÍLIO PINTO
PAULO MENEZES FIGUEIREDO
PAULO REALI NUNES
PAULO ROBERTO SABALAUSKAS
PEDRO ALLAN GIGLIO SARKIS
REGINA COELI SAVIO GALLO
RENATA SIMON
RENATO ATILIO JORGE
RENATO DE ALMEIDA PIMENTEL MENDES
RENATO YOSHIO MURATA
ROBERTO LOPES DONKE
ROSA RANGEL
SALVATOR LICCO HAIM
SANDRA SOUZA PINTO
SELMA ANTONIO
SELMA MARIA SCHINCARIOLI
SERGIO OMAR SILVEIRA
SILVIO ANTONIO DA SILVA
SILVIO LUIZ PARTITI FERREIRA
SONIA MARGARIDA CSORDAS
SONIA MARIA SCHINCARIOLI
SONIA PONZIO DE REZENDE
THEREZINHA PRADO DE ANDRADE GOMES

THOMAZ WOOD JUNIOR
VALÉRIA GADIOLI
VICENTE PAIVA CORREIA LIMA
WAGNER SILVA RIBEIRO
WALTER JACOB CURI
WALTER MONKEN
WU FENG CHUNG
YVAN LEONARDO BARBOSA LIMA
ZOÉ MARSIGLIO
39 ANÔNIMOS

ALLEGRETTO / DE R$400,00 A R$1.000,00
AABRAHÃO SALITURE NETO
ADHEMAR MARTINHO DOS SANTOS
ALEXANDRE CONTI MARRA
ALEXANDRE JOSE MARKO
ALEXANDRE SILVESTRE
ANA CAROLINA ALBERO BELISÁRIO
ANATOLY TYMOSZCZENKO
ANDRÉ LUIZ DE MEDEIROS M. DE BARROS
ANDRE PASQUALE ROCCO SCAVONE
ANDREE SOLAL RIBEIRO
ANNA CRISTINA BARBOSA DIAS DE CARVALHO
ANNA LAURA OLIVA
ANTONIO CARLOS MANFREDINI
BARBARA HELENA KLEINHAPPEL MATEUS
CAMILA MARIA PEREIRA
CARLOS ALBERTO PINTO DE QUEIROZ
CARLOS EDUARDO CIANFLONE
CARLOS EDUARDO SEO
CARLOS INÁCIO DE PAULA
CARMEN GOMES TEIXEIRA
CÁSSIO BICUDO DREYFUSS
CÉLIA MARISA PRENDES
CELIA TERUMI SANDA
CÉLIO CORRÊA DE ALMEIDA FILHO
CID BANKS LOUREIRO
CLARA AKIKO KOBASHI SILVA
CLARICE BERCHT
CLAUDIA CRISTINA FERREIRA FERNANDES
CLAUDIA RUMI KATSUMATA
CLAUDIA SERRANO DE AZEVEDO
CLAUDIONOR SPINELLI
CLOVIS LEGNARE
CRISTIANE ZAKIMI
CRISTINA MARIA MIRA
DAN ANDREI
DANIEL DE ALMEIDA OKINO
DANIELA DA SILVA GOMES
DANIELE AKEMI IWAZAWA OKINO
DANUSA STUDART LUSTOSA CABRAL
DÁRCIO KITAKAWA
DEBORÁ ESPASIANI
DEMILSON BELLEZI GUILHEM
DOUGLAS CASTRO DOS REIS
DULCIDIVA PACCAGNELLA
EDITH LUCIA MIKLOS VOGEL
EDSON DEZAN
EDUARDO ALGRANTI
EDUARDO GERMANO DA SILVA
EDUARDO PIZA PEREIRA GOMES
EDVALDO DE SOUZA SANTOS
EFRAIN CRISTIAN ZUNIGA SAAVEDRA
ELENICE SALLES KRAEMER
ELIAS AUDI JÚNIOR
ELIZABETE TSUBOMI SAITO GUIOTOKU
ELIZABETH DE NORONHA ANDRADE
ELOISA CRISTINA MARON
ELY CAETANO XAVIER JUNIOR
EMA ELIANA TARICCO DE FIORI
EMILIO EUGÊNIO AULER NETO
EMILY JANAINA GUSHIKEN OLIVEIRA
ESMERIA ROVAI
EVANDRO BUCCINI
FÁBIO BATISTA BLESSA
FÁBIO FERREIRA MARINS
FAUSTO MANTOVANI
FAUSTO MORABITO
FERNANDO ANTONIO FOLLADOR
FERNANDO ANTONIO RIVETTI SUELOTTO
FERNANDO HERBELLA
FERNANDO LUIS LEITE CARREIRO
FERNANDO SILVA
GINA MARIA MANFREDINI OLIVEIRA
GIZELDA MARIA BASSI SIQUEIRA
HÉLIO JORGE GONÇALVES DE CARVALHO
IRAPUA TEIXEIRA
IRENE DE ARAUJO MACHADO
ÍRIS GARDINO
IVONETE MARTINEZ
JANOS BELA KOVESI
JEAN FERNANDO PINHEIRO MIRANDA
JOÃO CLÁUDIO LOUREIRO
JOSÉ ESTRELLA
JOSE FERDINANDO DUCCA
JOSÉ FRANCISCO KERR SARAIVA
JOSE QUINTO JR.
JÚLIO CÉSAR FERREIRA DA SILVA
KARIN REGINA KOLBE
KOICHI MIZUTA
LAFAYETTE DE MORAES
LARRY G. LUDWIG
LEILA TERESINHA SIMÕES RENSI
LEON CHANT DAKESSIAN
LIRIA KAORI INOUE
LÚCIA MACHADO MONTEIRO
LUCIANO ANTÔNIO PRATES JUNQUEIRA
LUCIANO GONZALES RAMOS
LUIS FERNANDO ALVES MILEO
LUIZ CARLOS C. MONTEIRO DE BARROS
LUIZ CARLOS DE CASTRO VASCONCELLOS
LUIZ CARLOS FERNANDES
LUIZ CARLOS TEIXEIRA DE SOUZA JUNIOR
LUIZ CESAR KIMURA
LUIZ EDUARDO CIRNE CORREA
LUIZ ROBERTO ALVES
MARCELO ANCONA LOPEZ
MARCELO HIDEKI TERASHIMA
MARCELO SOARES RODRIGUES
MÁRCIA REGINA PADILHA
MARCIO BACCAN
MARIA CECILIA ROSSI
MARIA EMÍLIA PACHECO
MARIA EVANGELINA RAMOS DA SILVA
MARIA ISABEL GARCIA
MARIA LUCIA TOKUE ITO
MARIA LUIZA MARCILIO
MARIA VIRGINIA GRAZIOLA
MARIAM ARAKAWA IRIE
MARINA PEREIRA ROJAS BOCCALANDRO
MÁRIO NELSON LEMES
MASATAKE HASEYAMA
MEIRE CRISTINA SAYURI MORISHIGUE
MIRIAM DE SOUZA KELLER
MÔNICA MAZZINI PERROTTA
MURILO LEMOS DE LEMOS
NANCY ZAMBELLI
NELSON ANDRADE
NICK DAGAN
NILDE TAVARES LIMA
NILTON DIVINO D'ADDIO
OLAVO AZEVEDO GODOY CASTANHO
OSÉAS DAVI VIANA
OSVALDO YUTAKA TSUCHIYA
OTÁVIO ROBERTI MACEDO
OZIRIS DE ALMEIDA COSTA
PASCHOAL MILANI NETTO
PATRÍCIA GAMA
PEDRO MORALES NETO
PEDRO SÉRGIO SASSIOTO
PERCIVAL HONÓRIO DE OLIVEIRA
RAFFAELLA OLIVA
REBECA LÉA BERGER
REGINA HELENA DA SILVA
REGINA VALÉRIA DOS SANTOS MAILART
REINALDO MORANO FILHO
RENATA KUTSCHAT
RICARDO SAMPAIO DE ARAUJO
RICARDO VACARO
RICARDO VASCONCELOS BOTELHO
ROBERT DE MORAES JARDIM AVVERIANOW
ROBERTO LASMAN
ROBERTO LUIS AVIGNI
ROBERTO MORETTI BUENO
RODRIGO BARBOSA MELLO
ROMULO OURIVES CRUZ
ROSANA TAVARES
ROSELI RITA MARINHEIRO
ROSELY VICCIOLI LOURENCO
RUBENS BRITO DO NASCIMENTO
RUBENS PIMENTEL SCAFF JUNIOR
SILVIA CANDAL MORATO LEITE
SILVIO ALEIXO
SUELI YOKOMIZO
SUSANA AMALIA HUGHES SUPERVIELLE
SYLVIA IGNEZ DUARTE MEGDA
TEREZINHA APARECIDA SÁVIO
TIAGO DE GOIS BORGES
VALÉRIA DOS SANTOS GABRIEL
VITÓRIA REGIA MONCARI BARBOSA
VIVIANA SAPHIR DE PICCIOTTO
WALTER RIBEIRO TERRA
WILIAM BASSITT
WILMA PARTITI FERREIRA
YURI DE OLIVEIRA PEREIRA
ZELITA CALDEIRA FERREIRA GUEDES
60 ANÔNIMOS

ATUALIZADO EM 05/02/2016

MINISTÉRIO DA CULTURA, GOVERNO DO ESTADO DE SÃO PAULO E SECRETARIA DA CULTURA APRESENTAM

ORQUESTRA SINFÔNICA DO ESTADO DE SÃO PAULO
OSESP

APOIE SUA ORQUESTRA

Há boas razões para ser um Associado Osesp

NATÁLIA KIKUCHI

1 *Você contribui para o desenvolvimento dos projetos educacionais da Fundação Osesp: Descubra a Orquestra na Sala São Paulo, Academia de Música da Osesp e Visita Monitorada.*

2 *Você recebe benefícios exclusivos e convites para eventos na Sala São Paulo, que permitem um maior contato com a Osesp e com os projetos educacionais*

3 *Você recupera 100% da sua contribuição, deduzindo o valor doado até o limite de 6% na declaração no modelo completo, do seu Imposto de Renda devido.*

SAIBA MAIS

PROGRAMA SUA ORQUESTRA
www.osesp.art.br/suaorquestra
suaorquestra@osesp.art.br
11 3367-9581
11 3367-9582

LEI DE INCENTIVO À CULTURA

SALA SÃO PAULO

REALIZAÇÃO

ORGANIZAÇÃO SOCIAL DE CULTURA
FUNDAÇÃO OSESP

GOVERNO DO ESTADO SÃO PAULO
Secretaria da Cultura

Ministério da Cultura

GOVERNO FEDERAL
BRASIL
PÁTRIA EDUCADORA

PRECISO ME PREPARAR PARA OS CONCERTOS?

Não é necessário conhecimento prévio para assistir e apreciar a música apresentada pela Osesp. Entretanto, conhecer a história dos compositores e as circunstâncias das composições traz novos elementos à escuta. Com início uma hora antes dos concertos da série sinfônica, **aulas de cerca de 45 minutos de duração abordam aspectos diversos das obras do programa a ser apresentado pela Osesp na mesma data.** Para participar, basta apresentar o ingresso avulso ou de assinatura para o respectivo concerto. Nas *Revistas* você também encontra comentários de musicólogos e especialistas em linguagem acessível.

SOMENTE MÚSICA

Diferentemente de outros gêneros musicais, a música de concerto valoriza detalhes e sons muito suaves; assim, o silêncio por parte da plateia é muito importante. **Telefones celulares e outros aparelhos eletrônicos devem permanecer desligados, ou em modo silencioso, durante os concertos. Além do som, também a luz desses aparelhos pode incomodar.**

FUMAR, COMER E BEBER

Fumar em ambientes fechados é proibido por lei; lembre-se também de que não é permitido comer ou beber no interior da sala de concertos.

QUANDO APLAUDIR?

É tradição na música clássica aplaudir apenas no final das obras. Preste atenção, pois muitas peças têm vários movimentos, com pausas entre eles. Se preferir, aguarde e observe o que faz a maioria.

CHEGANDO ATRASADO

No início do concerto ou após o intervalo, as portas da sala de concerto serão fechadas logo depois do terceiro sinal. Se lhe for permitido entrar entre duas obras, siga as instruções de nossos indicadores e ocupe rápida e silenciosamente o primeiro lugar vago que encontrar. **Precisando sair, faça-o discretamente, ciente de que não será possível retornar.**

IMPORTANTE

Pensando em seu conforto, além da implantação das três saídas para facilitar o fluxo de veículos após os concertos, outra melhoria foi aplicada ao nosso estacionamento: agora você retira o comprovante (*ticket*) na entrada e efetua o pagamento em um dos caixas, localizados no 1º subsolo (ao lado da bilheteria) e no *hall* principal da Sala São Paulo. A forma de pagamento também melhorou; além de cartão de crédito e débito, você pode utilizar o sistema Sem Parar/Via Fácil. Lembre-se: o *ticket* pode ser pago a qualquer hora, desde sua entrada até o final da apresentação. Antecipe-se. Não espere o final do concerto: pague assim que entrar ou durante o intervalo. Dessa forma, você evita filas, otimiza seu tempo e aproveita até o último acorde.

COMO DEVO ESTAR VESTIDO?

É fundamental que você se sinta confortável em sua vinda à Sala São Paulo. Entretanto, assim como não usamos roupas sociais na praia, é costume evitar bermudas ou chinelos numa sala de concertos.

E NA HORA DA TOSSE?

Não queremos que você se sinta desconfortável durante as apresentações. Como prevenção, colocamos à disposição balas (já sem papel), que podem ser encontradas nas mesas do *hall* da Sala. Lembre-se que um lenço pode ser muito útil para abafar a tosse.

CRIANÇAS

As crianças são sempre bem-vindas aos concertos, e trazê-las é a melhor forma de aproximá-las de um repertório pouco tocado nas rádios e raramente explorado pelas escolas. Aos sete anos, as crianças já apresentam uma capacidade de concentração mais desenvolvida, por isso recomendamos trazê-las a partir dessa idade. Aconselhamos a escolha de programas específicos e que não ultrapassem os 60 minutos de duração.

SALA SÃO PAULO

Alvará de Funcionamento nº2015/17606-00, válido até 24/07/2016.
Certificado de Acessibilidade nº2014/17296-00.
Auto de Vistoria nº 172322 válido até 13/03/2017.

MINISTÉRIO DA CULTURA, GOVERNO DO ESTADO DE SÃO PAULO E SECRETARIA DA CULTURA APRESENTAM

ORQUESTRA SINFÔNICA DO ESTADO DE SÃO PAULO

OSESP

CRIE SUA SÉRIE 2016

FAÇA A OSESP DO SEU JEITO

A Temporada 2016 já começou.
Não perca a oportunidade
de garantir desde já a sua série
de concertos personalizada
até o final do ano.

RESERVE O SEU LUGAR!

Veja nossa programação no site
e Crie Sua Série
osesp.art.br/criesuaserie
ou ligue **4003.1212**

REALIZAÇÃO

LEI DE INCENTIVO À CULTURA

SALA SÃO PAULO

ORGANIZAÇÃO SOCIAL DE CULTURA
FUNDAÇÃO OSESP

GOVERNO DO ESTADO SÃO PAULO
Secretaria da Cultura

Ministério da Cultura

GOVERNO FEDERAL
BRASIL
PÁTRIA EDUCADORA

REVISTA OSESP
MARÇO 2016

O CONTEÚDO DAS NOTAS
DE PROGRAMA É DE RESPONSABILIDADE
DE SEUS RESPECTIVOS AUTORES

ISSN 2238-0299

EDIÇÃO FINALIZADA EM
16 DE MARÇO DE 2016

EDITOR
RICARDO TEPERMAN

COORDENAÇÃO EDITORAL
ANA PAULA MONTEIRO

ASSISTENTE EDITORAL
KAREN FERREIRA

PREPARAÇÃO DE TEXTO
FLÁVIO CINTRA DO AMARAL

REVISÃO
LUIZ FUKUSHIRO

PROJETO GRÁFICO
FUNDAÇÃO OSESP

DIAGRAMAÇÃO
BERNARD WILLIAN CARVALHO BATISTA

CRÉDITOS
AEROPORTO: © CASSIO VASCONCELOS
PIEL ISLAND #2: © EDOUARD FRAIPONT
CORO DA OSESP: © RODRIGO ROSENTHAL
RAGNAR BOHLIN: © ROY MANZANARES
AUTOESTRADA DO SUL: © FUNDACIÓN AUGUSTO E LEÓN FERRARI ARTE Y ACERVO
CELSO ANTUNES: © THOMAS BRILL
LIVRO VIAGEM: © DIVULGAÇÃO
KISMARA PESSATTI: © DIVULGAÇÃO
BUDAPESTE: © TORO BALÁZS
QUARTETO OSESP: © RODRIGO ROSENTHAL
PAUL LEWIS: © MOLINA VISUALS
PAUL LEWIS: © JACK LIEBECK
RÚSSIA (CAVALOS): © MAURO RESTIFFE
MARIN ALSOP: © KIM THOMSON
RECIFE: © CLAUDIA CAVALCANTI
GABRIELA MONTERO: © DIVULGAÇÃO
OSESP: © RODRIGO ROSENTHAL

A *REVISTA OSESP* ENVIDOU TODOS OS ESFORÇOS PARA LICENCIAR
AS IMAGENS E TEXTOS CONTIDOS NESTA EDIÇÃO. TEREMOS PRAZER
EM CREDITAR OS PROPRIETÁRIOS DE DIREITOS QUE PORVENTURA
NÃO TENHAM SIDO LOCALIZADOS.

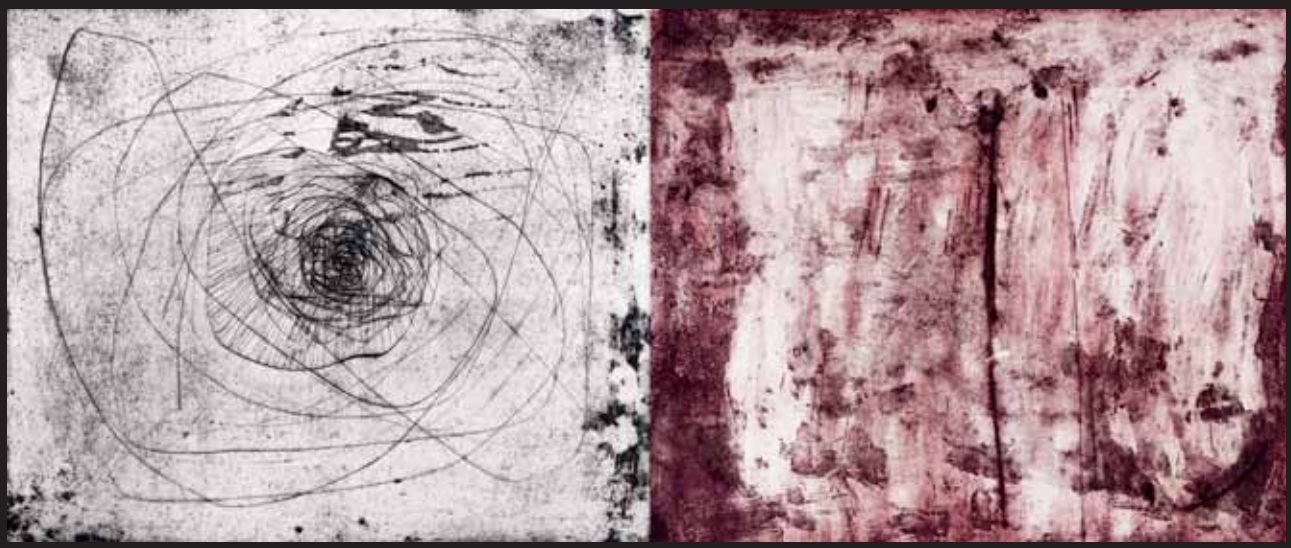
SALA SÃO PAULO
FUNDAÇÃO OSESP
PRAÇA JÚLIO PRESTES, 16
T 11 3367.9500

LOCAÇÃO DE ESPAÇOS NA SALA SÃO PAULO
EVENTOS@OSESP.ART.BR

ANÚNCIOS NA REVISTA OSESP
MARKETING@OSESP.ART.BR | 11 3367.9556

Cada número da *Revista Osesp* traz na capa uma obra de artista brasileiro contemporâneo, do acervo da Pinacoteca do Estado de São Paulo.

Os trabalhos foram selecionados pela curadora-chefe da Pinacoteca, Valéria Piccoli, juntamente com o diretor artístico da Osesp.



ARTE NA CAPA

UIARA BARTIRA

Curitiba, PR, 1949

Aurora I, 1995
água-forte sobre papel, 49,6 x 117,5 cm

Acervo da Pinacoteca do Estado de São Paulo, Brasil. Doação da artista, 2014
Foto: Rodrigo Rosenthal

Uiara Bartira é gravadora, pintora e desenhista. Em 1977, formou-se em pintura na Escola de Música e Belas Artes do Paraná e, no início da década de 1980, especializou-se em gravura, desenho e fotogravura, em Nova York. Entre 1989 e 1992, realizou mestrado na área de gravura brasileira, sob orientação de Maria Bonomi. Participou da instalação do Museu de Gravura de Curitiba e lecionou gravura na Escola de Música e Belas Artes do Paraná. Em 1982, expôs suas obras no Salão Nacional de Artes Plásticas (MAM-RJ) e, em 1990, no Panorama da Arte Brasileira (MAM-SP).

OSESP.ART.BR

LEI DE INCENTIVO À CULTURA

SALA SÃO PAULO

REALIZAÇÃO

ORQUESTRA SINFÔNICA DO ESTADO DE SÃO PAULO
OSESP

ORGANIZAÇÃO SOCIAL DE CULTURA
FUNDAÇÃO OSESP

GOVERNO DO ESTADO
SÃO PAULO
Secretaria da Cultura

Ministério da
Cultura

GOVERNO FEDERAL
BRASIL
PÁTRIA EDUCADORA